

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA.  
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL E MEIO AMBIENTE – TURMA 2010.**

**DA INVISIBILIDADE AO RECOMEÇO SOCIAL: UM  
ESTUDO SOBRE TRABALHADORES DO PROJETO  
“LUXO DO LIXO” EM CATANDUVA-SP.**

*DAVIS GLAUCIO QUINELATO.*

*ORIENTADOR: PROF. DR. ZILDO GALLO.*

**ARARAQUARA – SP**

**2012**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA.  
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO  
REGIONAL E MEIO AMBIENTE – TURMA 2010.**

**DA INVISIBILIDADE AO RECOMEÇO SOCIAL: UM  
ESTUDO SOBRE TRABALHADORES DO PROJETO  
“LUXO DO LIXO” EM CATANDUVA-SP.**

*DAVIS GLAUCIO QUINELATO.*

*ORIENTADOR: PROF. DR. ZILDO GALLO.*

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara – UNIARA – como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Zildo Gallo.

**ARARAQUARA – SP**

**2012**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Q64i Quinelato, Davis Glaucio

Da indivisibilidade ao recomeço social: um estudo sobre trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” em Catanduva-SP/Davis Glaucio Quinelato.- Araraquara: Centro Universitário de Araraquara, 2012.

107f.

Dissertação (Mestrado)- Centro Universitário de Araraquara  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Zildo Gallo

1. Exclusão social. 2. Projeto Luxo do lixo. 3. Resíduos sólidos.  
I. Título.

CDU 504.03



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP  
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

[www.uniara.com.br](http://www.uniara.com.br)

BANCA DE DEFESA

---

Profa. Dra. Elizabeth David Novaes  
Faculdades COC - Ribeirão Preto

---

Prof. Dr. Oriowaldo Queda  
UNIARA - Araraquara

---

Prof. Dr. Zildo Gallo  
UNIARA - Araraquara

expert PDF  
Trial

*“Embora ninguém possa voltar atrás e  
fazer um novo começo, qualquer um pode  
começar agora e fazer um novo fim.”  
(Francisco Candido Xavier – Chico Xavier)*

Expert PDF  
Trial

*Aos meus pais Maria e Francisco Quinelato e ao meu irmão Denis, pelo apoio irrestrito e pela compreensão em todos os momentos de ausência.*

*Aos meus cães Snoopy, Sam, Nina, July e Aninha.*

*A Deus pelo dom da vida e pelo privilégio do saber.*

## AGRADECIMENTOS.

Ao Professor Dr. Zildo Gallo, por sua dedicação e empenho na orientação da minha Dissertação de Mestrado.

Ao Professor Dr. Oriowaldo Queda, por seu profissionalismo, amizade, carinho, seriedade e dedicação com que atendeu a mim e a todos os alunos desta turma.

Às Professoras Dras. Dulce e Maria Lúcia Ribeiro, carinhosamente conhecida como Bilu, pelos conselhos e orientações durante os Seminários de Pesquisa e Dissertação e a todos os Professores da UNIARA.

Ao Professor da Universidade de São Paulo (USP) Dr. Renato da Silva Queiroz, pela atenção e dedicação na pesquisa “O último vínculo: moradores de rua e os cães”.

Às Professoras convidadas que compuseram a Banca Examinadora Dras. Elizabete David Novaes, Kátia Aparecida Baptista e Flávia Cristina Sossae.

Ao amigo Otávio Henrique de Carvalho e Adriana Caíres, pela acolhida e pelo delicioso caldo de ervilha, durante os jantares “filosóficos”.

À funcionária Regiane do Comitê de Ética em Pesquisa da UNIARA

Ao Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, pároco da Paróquia “Imaculada Conceição” e Coordenador Geral do Projeto “Luxo do Lixo”, que me recepcionou com muito carinho e dedicação desde o momento em que iniciei esta pesquisa.

Aos amigos de viagem Cassinha, Othon e Izabel.

Aos coordenadores do Projeto “Luxo do Lixo”, Sônia Moreira das Chagas e Enderson Gomes e aos entrevistados, dos quais faço questão de citar cada nome: Sebastião, Osmarina, Julia, Luis Fernando, Cristiane, Maria Helena, Sebastião Miranda, Inês, Patrícia, Diná, Lourdes, Iara, João Carlos, Luana, Jorge, Rosana, Vanderlei, Zilda, Maisson, Jucilene, Verani, Lucimara, Lucineide, Maria Adriana, Roberto Carlos, Ivan, Milton e Carlos, pelo carinho e confiança com que me acolheram e puderam partilhar suas histórias de vida. Exemplos de fé, esperança e religiosidade.

Ao Coordenador de Administração e Projetos da Associação “Pão Nosso”, Luís Rogério Sabino, e ao funcionário da Paróquia “Imaculada Conceição”, Rodrigo Gazola.

Ao Amigo, Professor de História e Diretor do Museu “Padre Albino”, Sérgio Luiz de Paiva Bolinelli.

A todas as funcionárias da Secretaria de Mestrado da UNIARA, em especial Ivani e Silvinha.

Aos amigos em geral, especialmente, àqueles com que pude conviver durante as aulas do curso de Mestrado, que me motivaram e contribuíram para que eu concluísse este trabalho.

## RESUMO

Este trabalho de pesquisa pretende através da história de vida dos trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”, compreender as relações que permeiam seu cotidiano e entender as origens de sua exclusão social. A decisão de estudar tal tema, assim como o que leva nos dias de hoje determinado grupo de trabalhadores, que um dia perderam tudo na vida, a tentarem reconstruir suas trajetórias, trabalhando com resíduos sólidos, nos faz contribuir para o debate que busca a compreensão do real motivo que os levam a voltar a trabalhar exatamente com o descarte da população. Para isso, a metodologia da história oral apresenta-se como uma aliada, pela sua capacidade de apreender fatos notáveis e acontecimentos corriqueiros que trazem para a reflexão a noção de vida social. Nesse sentido, por meio da metodologia da história oral, os trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” narram suas trajetórias de vida. Nos relatos cedidos encontram-se registradas a vida pessoal, seus dramas e conquistas. Embora, imersos num processo de exclusão, os trabalhadores ao recriarem suas histórias e ao participarem ativamente do processo de reprodução do capital, por meio da reciclagem, inserem-se economicamente no mercado capitalista. Apesar dos dramas e dificuldades que enfrentam, os trabalhadores vêm garantindo sua sobrevivência material e sua autoestima. A análise dos dados qualitativos da pesquisa, a partir dos trabalhadores estudados, sinaliza que uma participação autêntica em um Projeto organizado, acrescida de uma intervenção do poder público, sociedade e parceiros é imprescindível para a superação da condição de exclusão.

**Palavras-Chave:** Exclusão Social; Projeto “Luxo do Lixo”; Resíduos Sólidos.

## ABSTRACT

This research aims through the life history of the project workers' Luxury Garbage ", understand the relationships that pervade their everyday life and understand the origins of their social exclusion. The decision to study the issue of social exclusion, as well, which leads the current workers who have lost everything in one day today life and try to rebuild their lives working just to solid waste, make us contribute to research on understanding the real reason that lead them back to work exactly with the disposal of the population. For this purpose the methodology of oral history presents itself as an ally, for his remarkable ability to grasp facts and everyday events that give us the notion of social life. Through the methodology of oral history project workers "Luxo do Lixo", narrate their life trajectories. In the accounts assigned are registered personal life, its disappointments and achievements. While immersed in a process of exclusion, the workers recreate their stories and to participate actively in the process of reproduction of capital, through recycling, fit economically in the capitalist market. Despite the tragedies and hardships they face, workers are guaranteed their material survival and self-esteem. The analysis of qualitative data from the research study indicates that workers genuine participation in an organized project, plus an intervention by the public, partners and society is essential for overcoming the exclusion condition.

**Keywords:** Social Exclusion; Project "Luxo do Lixo"; Solid Waste.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Catanduva recicla apenas 1% do seu lixo.....	46
Figura 02 – Jornal “O Regional” destaca produtividade do Projeto “Luxo do Lixo”.....	46
Figura 03 – Placa Indicativa na sede do Projeto “Luxo do Lixo”.....	51
Figura 04 – Primeira Reunião entre representantes Cáritas e Prefeitura Municipal.....	52
Figura 05 – Reportagem sobre inauguração do Projeto “Luxo do Lixo”.....	52
Figura 06 – Jornal destaca visita do Bispo D. Ornai, em Catanduva.....	53
Figura 07 – Jornal destaca inauguração oficial do Projeto “Luxo do Lixo”.....	53
Figura 08 – Anúncio convida população para lançamento do Projeto “Luxo do Lixo”..	54
Figura 09 – Reportagem destaca apresentação do Projeto “Luxo do Lixo”.....	54
Figura 10 – Projeto é destaque na TV Record.....	55
Figura 11 – Jornal destaca nova coordenação do Projeto “Luxo do Lixo”.....	55
Figura 12 – Trabalhadores participam de missa na sede do Projeto “Luxo do Lixo”.....	57
Figura 13 – Parte dos Trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” e a mascote da turma, a gatinha Nina.....	71

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Projeto “Luxo do Lixo” – Evolução da Coleta.....	47
Tabela 02 – Perfil dos Trabalhadores.....	67

expert PDF  
Trial

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

BEIC – Banco de Empregos Imaculada Conceição.

CEAGESP – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo.

CEMPRE – Compromisso Empresarial para Reciclagem.

CDP – Centro de Detenção Provisória.

CF – Constituição Federal.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

COI – Comitê Orientador Interministerial.

CTPS – Carteira de Trabalho e Previdência Social.

FATEC – Faculdade de Tecnologia de São Paulo.

FIPA – Faculdades Integradas Padre Albino.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

INSMED – Instituto de Medicina e Segurança do Trabalho SC Ltda.

LEI – Laboratório de Estudos sobre a Intolerância.

MP – Ministério Público.

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

ONGS – Organizações Não-Governamentais.

ONU – Organização das Nações Unidas.

PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos.

PROCON – Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor.

PT – Partido dos Trabalhadores.

RCC – Renovação Carismática Católica.

TAC – Termo de Ajustamento de Conduta.

USP – Universidade de São Paulo.

expert PDF  
Trial

*“Nunca duvide de que um pequeno grupo de pessoas comprometidas e engajadas seja capaz de mudar o Mundo. Na verdade, sempre foram elas que mudaram o Mundo”. (Margaret Mead – Antropóloga)*

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	
LISTA DE TABELAS	
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	
INTRODUÇÃO.....	16
1. DA EXCLUSÃO SOCIAL.....	23
1.1 As conseqüências da Exclusão Social.....	23
1.2 Vidas de Rua.....	32
1.2.1 Movimento Social: da Rua para Terra.....	33
1.3 Reflexões sobre o consumo e vida líquida.....	35
2. RESÍDUOS SÓLIDOS.....	40
2.1 Aspectos envolvendo a questão dos resíduos sólidos.....	40
2.2 Política Nacional de Resíduos Sólidos.....	42
2.2.1 Política Estadual de Resíduos Sólidos.....	44
2.2.2 Política de Resíduos Sólidos em Catanduva.....	45
2.2.3 Projeto “Luxo do Lixo” – Evolução da Coleta.....	47
3. PROJETO LUXO DO LIXO.....	49
3.1 Projeto Luxo do Lixo no Brasil.....	49
3.2 Projeto “Luxo do Lixo” em Catanduva.....	51
3.2.1 – Sustentabilidade.....	57
3.3 Associação Pão Nosso – Obras Assistenciais Padre Osvaldo.....	59
3.3.1 Banco de Empregos.....	60
3.3.2 Casa Samaritana.....	60
3.3.3 Comunidade Emaús.....	60
3.3.4 Escolinha de Futebol Padre Osvaldo.....	61
3.3.5 Lar Bom Samaritano.....	61
3.3.6 Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.....	61
3.3.7 PROCON.....	61
3.3.8 Projeto Criança Saudável.....	62
3.3.9 Projeto Legumes na mesa.....	62

3.3.10 Projeto Maná.....	62
3.3.11 Projeto Núcleo de Práticas Jurídicas.....	63
3.3.12 Projeto Recuperando a Saúde – Farmácia Comunitária.....	63
3.3.13 Projeto Seja Bem Vindo.....	63
3.3.14 Projeto Sopa na Mesa.....	63
4. A FALA DOS TRABALHADORES.....	64
4.1A Fala dos trabalhadores: Homens e Mulheres do Projeto “Luxo do Lixo”.....	64
4.2 Trajetórias Sociais.....	66
4.3 Trajetórias Individuais.....	69
5.DA INVISIBILIDADE AO RECOMEÇO SOCIAL.....	89
5.1 Invisibilidade Pública.....	89
5.2 O último vínculo: moradores de rua e os cães.....	91
5.3 Considerações Finais.....	95
REFERÊNCIAS.....	98
ANEXOS.....	103
APÊNDICES.....	105

## INTRODUÇÃO

No ano de 1998 tomei conhecimento pela imprensa local, que na administração municipal de Catanduva, estado de São Paulo, do prefeito Félix Sahão Júnior, do Partido dos Trabalhadores (PT) – o qual administrou a cidade nos mandatos 1997-2000 e 2000-2004 – implantaria a Cooperativa de catadores de material reciclável, hoje denominada: Projeto “Luxo do Lixo”. À época, tive a oportunidade de participar da cerimônia de inauguração do Projeto.

O Projeto “Luxo do Lixo” foi criado pela Cáritas Brasileira, entidade fundada no ano de 1956 pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), cuja finalidade inicial tratava de articular, nacionalmente, todas as obras sociais católicas e coordenar o Programa de Alimentos doados pelo governo norte-americano através da CNBB.

As questões relacionadas ao meio ambiente sempre despertaram minha atenção e preocupação. Com isso, em decorrência da maneira pelo qual foi apresentado, percebi que o Projeto “Luxo do Lixo” se bem estruturado e coordenado renderia bons frutos e, neste sentido, eu poderia pesquisar não só a questão ambiental, mas também a oportunidade social e o “recomeço” que envolveria famílias da comunidade.

Nessa perspectiva, em conversa com o meu orientador, Professor Zildo Gallo, discorri a respeito do projeto que estava sendo desenvolvido em Catanduva. Por meio dessa troca de informações foi sugerido como assunto a ser trabalhado nesta Dissertação a história de vida dos trabalhadores empregados pelo Projeto. Alguns deles participaram de outros programas sociais, criados e desenvolvidos pelo atual coordenador do Projeto “Luxo do Lixo”: o Padre Osvaldo de Oliveira Rosa. Entre esses programas cito as casas de recuperação de dependentes químicos.

Na verdade, sempre acreditei que poderia realizar como pesquisa de Dissertação para conclusão do Mestrado, um trabalho acadêmico que despertasse interesse em âmbito regional, valorizando, assim, os espaços de trabalho desenvolvidos na cidade e principalmente sua gente, seu povo e seus trabalhadores, aliado à questão ambiental. Neste sentido, acreditei que essa pesquisa revelaria-se relevante e adequada à área de concentração do programa de Mestrado.

Durante as conversas com o orientador, recebi informações importantes que me incentivaram a aperfeiçoar cada vez mais essa ideia, ainda que a princípio acreditasse

ser bastante difícil a sua efetivação. Assim, como todo pesquisador que confia na qualidade do trabalho acadêmico a ser desenvolvido, aceitei o desafio.

Para um advogado, que vive com vários prazos a serem cumpridos, que vivencia a experiência no atendimento aos clientes, audiências e o corre-corre da vida moderna, eu ainda não havia parado para pensar o quanto a realização desta pesquisa seria importante para mim e também para aqueles que participam do Projeto “Luxo do Lixo”. Vieram-me à cabeça várias ideias sobre o que levou essas pessoas, que hoje são trabalhadores do Projeto, a passarem por situações de conflitos familiares, perdas em seu próprio lar, decepções, dramas e dependências, mas que foram supridas pela vontade de viver de cada um.

Com todos esses questionamentos, comecei a estruturar meu projeto de pesquisa, que depois de redigido veio a receber a aprovação do orientador. Sendo assim, tive a minha primeira oportunidade de analisar o que outros colegas e professores pensavam quando apresentei meu projeto no Seminário de Pesquisa. Percebi que a receptividade foi bem calorosa, por ser um tema bastante diferente e que nem sempre é tratado pelas ciências sociais ou pela mídia, passando até mesmo despercebido pela maioria das pessoas.

Sendo assim, tive a oportunidade de conversar com um dos personagens iniciais do Projeto “O Luxo do Lixo”, o Padre Osvaldo de Oliveira Rosa e percebi, com esse contato, o empenho e o respeito do pároco para com a pesquisa.

Tendo a autorização do Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, emergiram outros questionamentos: como iria iniciar a entrevista com esses trabalhadores? Como faria para ter acesso às informações e realizar um trabalho realmente de pesquisa sobre a vida dessas pessoas, que vivem uma realidade completamente diferente da minha? As primeiras entrevistas não foram nada fáceis, no entanto, acredito ter realizado a pesquisa de modo a ter correspondido tanto a minha expectativa, quanto as daqueles trabalhadores – que ao final da pesquisa se tornaram conhecidos e tiveram de certa forma e mesmo que por pouco tempo, a sua rotina de trabalho modificada pela curiosidade de serem entrevistados.

O que me atraiu para a utilização da história oral foi o fascínio de construir uma história viva, recente, que possibilitasse a compreensão ou uma identificação, por parte deste grupo que integra a sociedade. Assim, com o texto produzido, a intenção é de que os trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” se identifiquem e compreendam esse trabalho de

pesquisa realizado e, sobretudo, que ele possa contribuir para tornar ainda mais visível a presença deles na cidade.

Aponto já nesta introdução que o universo da pesquisa tem como cenário o antigo Barracão do Café, localizado na cidade de Catanduva, onde atualmente funciona toda a estrutura física do Projeto “Luxo do Lixo”. Ali os trabalhadores se reúnem e fazem do espaço um ponto de segurança, cooperação, descanso e garantia de uma renda melhor para cada trabalhador, tirando do lixo que não serve mais, a sua fonte de renda.

O trabalho de campo foi realizado em cinco etapas, durante os dias: 23 de maio, 30 de maio, 20 de julho, 02 de setembro e 09 de setembro do ano de 2011. Foram entrevistadas onze pessoas do sexo masculino e dezessete pessoas do sexo feminino, todos com mais de dezoito anos de idade e trabalhadores no Projeto “Luxo do Lixo”. De trabalhador para trabalhador variaram o tempo a eles destinados. Além de entrevistas sobre a história de vida, também foram colhidos durante os depoimentos os dados sociais dos trabalhadores.

Os nomes dos entrevistados e citados foram alterados para manter a privacidade das informações coletadas. Informações essas que prezaram pela individualidade de cada trabalhador, pois se deve levar em conta que o público envolvido tem um grau de afinidade considerado bom no ambiente de trabalho, mas durante os depoimentos percebe-se a satisfação dos entrevistados em testemunhar confissões particulares e segredos. O conjunto é formado por homens e mulheres, jovens e trabalhadores de meia idade.

A pesquisa foi realizada com o consentimento e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Araraquara e para a coleta dos dados foi utilizado o gravador digital. Após a transcrição de cada entrevista optou-se pela reorganização cronológica e lógica do texto.

No início da conversa foram explicados todos os procedimentos necessários para a coleta de material e a apresentação e assinatura do formulário de pré-consentimento envolvendo seres humanos. A explicação sobre os objetivos do trabalho não foi questionada, sendo bem aceita pelos trabalhadores participantes.

Dentre os riscos mais frequentes durante o procedimento do trabalho destaca-se, precisamente, o momento da Entrevista, pois alguns dos trabalhadores ao narrar sua história de vida se emocionaram, no entanto, optaram em continuar narrando sem haver qualquer tipo de constrangimento.

Tomando as precauções necessárias, foi comunicada, novamente ao trabalhador entrevistado, a liberdade de continuar ou não a narrativa. Enquanto pesquisador adotei todas as medidas para evitar prejuízo de ordem física, psíquica e moral, assim como de raça, idade, sexo ou crença, assegurando a confiabilidade e a privacidade, protegendo a imagem do voluntário e sua individualidade.

Todas as iniciativas tomadas durante o andamento da pesquisa foram realizadas com o consentimento dos coordenadores do Projeto “Luxo do Lixo” que trabalhavam no local, sendo resguardada a informação do entrevistado.

Quanto aos critérios para suspender ou encerrar a pesquisa, foram tomadas todas as medidas preventivas neste sentido, não havendo qualquer efeito adverso ou fato saliente que desabonasse a relevância e o conteúdo trabalhado, dentro das precauções legais.

Importante dizer que alguns trabalhadores entrevistados apresentaram maior facilidade de expressão. Ao longo da entrevista, fiquei atento aos momentos em que os relatos desencadeavam emoções e sentimentos, sempre cuidadoso às concordâncias e determinações do Comitê de Ética em Pesquisa, para que não houvesse qualquer tipo de constrangimento para os trabalhadores entrevistados.

No início de cada entrevista foi explicado ao trabalhador, individualmente, quais os objetivos da pesquisa e a origem do entrevistador.

O critério de entrevista teve como objetivo registrar a multiplicidade das situações vividas, levando em conta basicamente a diversidade de trajetórias de vida e o levantamento de dados. Para a escolha das entrevistas publicadas na pesquisa, evidenciaram-se as trajetórias vivenciadas e a capacidade de resistência e reconstrução de uma nova história dentro do projeto “Luxo do Lixo”.

Os dados primários foram coletados com os trabalhadores que desempenham suas atividades no Projeto “Luxo do Lixo”. Já os dados secundários, mas também essenciais para o complemento da Pesquisa, foram obtidos por levantamento documental, em jornais e revistas da época e atuais: no Museu “Padre Albino” da cidade de Catanduva, no banco de dados da secretária da “Associação Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”, através da pesquisa e leitura de materiais bibliográficos já estudados e publicados sobre o assunto abordado neste trabalho, por meio do contato com entidades ligadas ao Projeto e em sites da Rede Mundial de Computadores.

Nesta pesquisa, foi necessária a opção pela análise e coleta de dados quantitativos para conhecer o público envolvido, ou melhor, os trabalhadores com suas origens, religião e escolaridade, bem como a análise de metodologia qualitativa de conteúdo para as entrevistas.

No que se refere a este último aspecto, da metodologia utilizada para as entrevistas, assinala-se desde já que no momento em que se transformam elementos auditivos em visuais, as mudanças do documento oral para o documento escrito são inevitáveis. As regras desses documentos são distintas. Sem falar que a palavra escrita já é uma reinterpretação do relato oral. No entanto, algumas regras do documento escrito são indispensáveis, como a inserção de sinais de pontuação e respeito às normas gramaticais.

A leitura dessa pesquisa será realizada por pessoas de todas as classes sociais, pois uma cópia ficará disponível no Museu “Padre Albino”, da cidade de Catanduva e outra cópia na própria sede do Projeto “Luxo do Lixo”.

Outro motivo que me levou a optar pela modificação do texto transcrito foi a leitura de alguns trabalhos com a transcrição das entrevistas na íntegra. Observei que a leitura ficou de difícil compreensão e cansativa, com as constantes repetições. Desta forma, a transcrição foi modificada com o intuito de tornar a leitura mais fácil e amena por parte do leitor, evitando assim o glossário.

A ordenação e a tabulação dos dados tiveram suporte do programa de computação denominado EXCEL, que possibilitou reunir as informações e construção de tabelas por temas. Vale mencionar a grande dificuldade das falas registradas nas gravações, pois muitas eram entremeadas por murmúrios, em tom baixo, aliadas ao funcionamento das prensas existentes no local de trabalho, assim como a certa inibição resultante da presença do gravador. Com relação aos textos dos depoimentos, foi mantido o léxico e as construções. Foi desconsiderada a fonologia e as abreviações próprias da linguagem coloquial, sem prejudicar, entretanto, as falas e a espontaneidade dos trabalhadores entrevistados. Essa iniciativa foi tomada por sugestão da banca examinadora durante a realização do Seminário de Dissertação.

Na análise procurou-se privilegiar aspectos, inicialmente previstos em pesquisa, relativos às trajetórias ocupacionais e familiares: os elementos de ordem econômica relacionados às transformações no mundo do trabalho; e os elementos ligados à vida pessoal e familiar, identificados por processos de rupturas e perdas – que incluem relações familiares permeadas por conflitos, pelo rompimento de vínculos e afastamento de pais,

irmãos, familiares e outros, pela dependência alcoólica, pelo desemprego e pelos vícios em geral (presença de drogas lícitas e ilícitas, como o crack, a maconha, etc.).

Os dados que estão sendo utilizados referem-se aos valores, às crenças, às opiniões e à subjetividade; acreditando-se que as técnicas metodológicas adotadas possam servir de subsídio para tal intento de realização de pesquisa, por estarem de acordo com o tema e o objeto analisado.

Sendo assim, são diversas as formas de avançar no conhecimento de um fenômeno: pela sua descrição, pela mediação, pela busca de nexos causais entre seus condicionantes, pela análise de contexto, pela distinção entre forma manifesta e essência, pela indicação das funções de seus componentes, pelo vício de sua estrutura, pela comparação de estados alterados de sua essência, dentre outros.

Compreender e interpretar fenômenos, a partir de seus significantes e de seu contexto, é tarefa sempre presente na produção do conhecimento, o que contribui para que possamos perceber a vantagem no emprego de métodos que nos auxiliam a ter uma visão mais abrangente dos problemas, que supõem contato direto com o objeto de análise e que fornecem um enfoque diferenciado para a compreensão da realidade.

Neste sentido, apresenta-se a estruturação desta dissertação. Este trabalho foi dividido em quatro capítulos, cujo objetivo volta-se para a abordagem das seguintes questões: 1) as categorias centrais que envolvem a reflexão sobre a exclusão social e os trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”; 2) as questões relacionadas à matéria-prima dos trabalhadores, ou seja, os resíduos sólidos e sua atual regulamentação; 3) um estudo de caso sobre a história do Projeto “Luxo do Lixo” até os dias atuais; 4) as análises sociais sobre a caracterização dos trabalhadores envolvidos no Projeto “Luxo do Lixo”, como também dos relatos orais e depoimentos de histórias de vida relatados nas entrevistas.

No capítulo I, intitulado *Da Exclusão Social*, apresento uma discussão a respeito do fato de que a aproximação da população com os excluídos constitui o resultado de um processo próprio da sociedade capitalista, que é eminentemente excludente. Neste sentido, abordo questões e pesquisas envolvendo personagens e reflexões sobre a exclusão social.

No capítulo II, exponho uma reflexão sobre o atual cenário dos resíduos sólidos, qual a importância da reciclagem e coleta seletiva, passando pelos tipos de resíduos sólidos mais usados. Resumidamente, trata-se de um capítulo que aborda a matéria-prima principal dos trabalhadores envolvidos no Projeto “Luxo do Lixo”.

No capítulo III, intitulado *Projeto “Luxo do Lixo”*, são trazidas discussões em torno da história deste Projeto que vem sendo desenvolvido na cidade de Catanduva até os dias atuais, sendo mantido por uma parceria entre: as “Obras Sociais Padre Osvaldo”, a Prefeitura do Município e o apoio da sociedade e parceiros.

No IV capítulo, desenvolvo uma análise das histórias de vida ligadas às experiências dos trabalhadores envolvidos no Projeto “Luxo do Lixo”, com a análise dos dados sociais destes personagens. Aqui se torna possível refletir sobre a visão que esse segmento tem das suas vidas e do mundo ao redor.

No último capítulo, apresento a pesquisa como uma análise sobre a invisibilidade que toma conta de muitos trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”. Frente a esta invisibilidade, constata-se que a atividade de coleta e a reciclagem dos resíduos sólidos, surgem como atitudes emergentes de uma sociedade contemporânea e como fruto de múltiplas determinações. Nesse contexto, pode-se apontar a presença da desigualdade e da exclusão social e do consumismo – como regra na sociedade capitalista – e da constante escassez dos recursos naturais, como fatores determinantes da emergência desta atividade.

Desse modo, o que segue é produto deste contato com um universo tão distante do meu, no qual busquei a independência e a transparência nos resultados colhidos. Espero que seja, para cada leitor deste trabalho, uma ação tão encantadora quanto foi para mim. Nas próximas páginas terei a missão de passar para o papel todo esse processo de pesquisa, desenvolvida junto ao Projeto “Luxo do Lixo”.

Esta dissertação é uma versão inacabada, com lacunas abertas e campos pouco explorados de pesquisa. Acredita-se que as contribuições da Banca Examinadora serão valiosas para a construção do conhecimento, da compreensão da realidade do catador, como também de novas possibilidades de ampliação da temática pesquisada em futuros estudos.

## 1 - DA EXCLUSÃO SOCIAL

*“Miséria é imoral. Pobreza é imoral. Talvez seja o maior crime moral que uma sociedade possa cometer.”*

*Herbert José de Souza – (Betinho), 1935 – 1997.*

No presente capítulo discute-se a questão que envolve a exclusão social. Neste contexto, seja de mendigo a excluído, de marginal a trabalhador precário, de catador de material a dependentes químicos, são diversificados os significados e denominações utilizadas para designar essas pessoas, no entanto, o sentido é o mesmo.

Analisa-se que a aproximação da população com os excluídos é resultado de um processo próprio da sociedade capitalista, que é eminentemente excludente. Entretanto, não foi esquecido que a luta pela sobrevivência persegue o ser humano desde os primórdios, e o espírito que move essas pessoas, é fundamentalmente gregário. Esses dois fatores, a sobrevivência e a união, favorecem o florescimento da participação na sociedade. Assim, visualizou-se ao mesmo tempo a exclusão e a participação por uma vida melhor.

### 1.1 – AS CONSEQUÊNCIAS DA EXCLUSÃO SOCIAL

O termo exclusão social teve origem na França, no modo francês de classificação social e neste caso, especificamente, relacionado com pessoas ou grupos desfavorecidos. Assim, o termo de origem francesa toma vulto, a partir do livro *Les Exclus*, de autoria de Lenoir (1974), que define os excluídos “como aqueles indivíduos concebidos como resíduos dos trinta anos gloriosos de desenvolvimento”.

O escritor e político brasileiro Cristovam Buarque (in Nascimento, 1996), ao analisar a crise econômica que pairava à época, publica escritos (1991, 1993 e 1994) que chamam a atenção para a ameaça à paz social. Segundo Buarque, “a exclusão social passa a ser vista como um processo presente, visível e que ameaça confinar grande parte da população numa apartação social informal” (BUARQUE, 1996, p.69).

Para o autor, fica evidente a divisão entre pobre e rico, em que o pobre é miserável e ousado, enquanto o outro se caracteriza como o rico minoritário e temeroso.

Os trabalhadores envolvidos com o resíduo sólido por estarem em condições de inferioridade na hierarquia social são, muitas vezes, tratados e considerados como “não-semelhantes”, como sendo o fenômeno de separar o outro, não mais considerado como humano, na melhor forma, foi utilizado para indicar o desenvolvimento separado entre incluídos e excluídos. (BUARQUE,2001, p.33).

A exclusão social remonta à Antiguidade grega onde escravos, mulheres e estrangeiros eram excluídos, mas o fenômeno era tido como natural. Somente a partir da crise econômica mundial, que ocorre na idade contemporânea e que dá evidência à pobreza, é que a exclusão social toma visibilidade e substância. A partir de 1980, os seus efeitos despontam gerando desemprego prolongado e, parafraseando Castel (1998), os desafiliados do mercado passam a ser denominados de socialmente excluídos. A partir de então, este tema ganha centralidade nos meios acadêmicos e políticos.

A discussão sobre exclusão social, de acordo com Gary Rogers (In Dupas, 1999), apareceu na Europa com o crescimento da pobreza urbana e sua orientação varia de acordo com as conjunturas políticas e econômicas das sociedades. Silver (in Dupas, 1999), tentando entender a problemática da integração social na Europa e nos Estados Unidos, seleciona dois paradigmas ligando cada um deles a uma filosofia política. Assim, o paradigma da “solidariedade” estaria associado ao republicanismo, sendo a exclusão vista como quebra de vínculo entre o indivíduo e a sociedade. Nesse paradigma, cabe ao Estado a obrigação de ajudar na inclusão dos indivíduos, assim como o dever de garantir o trânsito do excluído nas categorias sociais. No paradigma do “monopólio”, ligado à social-democracia, a exclusão seria explicada pela formação de monopólios de grupos sociais.

De acordo com Rogers (In Dupas, 1999), “a exclusão, em sua essência, é multidimensional, manifesta-se de várias maneiras e atinge as sociedades de formas diferentes, sendo os países pobres afetados com maior profundidade”. Os principais aspectos em que a exclusão se apresenta dizem respeito à falta de acesso ao emprego, aos bens e serviços e também à falta de segurança, à justiça e à cidadania. Assim, observa-se que a exclusão se manifesta no mercado de trabalho (desemprego de longa duração), no acesso à moradia e aos serviços comunitários, aos bens e serviços públicos, à terra, aos direitos etc.

Inúmeras são as conseqüências trazidas pela transformação dos processos produtivos nas regiões ligadas, basicamente, à produção primária. Se, por um lado, essas transformações proporcionam avanços, principalmente tecnológicos, por outro ocasionam a exclusão social.

No que diz respeito às condições de vida dos trabalhadores, Robert Castel (1998, p.516) sugere aprofundar a compreensão do que vem ocorrendo por meio da reconstituição da vulnerabilidade social, conceituando-a em dois eixos principais: o do trabalho e o das relações de sociabilidade.

Preconiza-se que do ponto de vista do trabalho, além do agravamento constante do desemprego, nota-se a presença cada vez maior de empregos e ocupações intermitentes, de curta duração e instáveis: os “bicos”. Neste contexto, as pessoas que também ocupam posições estáveis se sentem inseguras, enquanto os mais jovens e os menos aptos estão submetidos a uma seleção permanente. Contudo, “ênfatizar essa precarização do trabalho permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação” (CASTEL, 1998, p.516).

Sob o aspecto de sociabilidade, Castel sugere que aos processos de natureza preponderantemente econômica, associam-se: a progressiva fragilização dos vínculos familiares e sociais e o empobrecimento do que se poderia chamar de redes de proteção próxima, redes essas que se expressam pelas solidariedades familiares e de vizinhança e que criam garantias contra certo número de riscos sociais.

Neste sentido, a conclusão de Castel tem como foco central a constatação de que na maioria dos países industrializados da Europa Ocidental, na última década, houve mudanças no mundo do trabalho que desencadearam o crescimento do desemprego, a precarização do trabalho e a dificuldade dos sistemas de seguridade social em responder pela proteção das pessoas.

Sendo assim, segundo Castel: “a vulnerabilidade social se dá na conjunção da precariedade do trabalho e da debilitação da estrutura familiar”.

O trabalho de mapeamento do conceito exclusão levado a efeito por Hélène Thomas – embora por demais circunscrito aos debates travados no campo das políticas públicas na França e nos países da Europa Ocidental – pode oferecer algum esclarecimento. Para a autora, a ideia da exclusão que se impôs a partir dos anos 1970, além de pouco a pouco ir substituindo a noção de pobreza, trouxe um novo vocabulário,

uma nova forma de análise e um novo tratamento das questões sociais. Além disso, conforme a época que se considere, aparecem novas definições da categoria, às quais correspondem formas específicas de designação, certas taxionomias e instrumentos de discriminação.

Assim, após percorrer detidamente as diversas lógicas de emergência e estruturação da idéia de exclusão nas últimas décadas do século XX, a autora conclui: “A exclusão não é um conceito sociológico operatório, mas uma categoria semi-científica de conhecimento prático e ação” (THOMAS, 1997, p.215). Assim, trata-se na verdade de uma categoria da ação pública relacionada com a assistência social.

A vocação mais clara da ideia de exclusão é funcionar como conceito descritivo.

“No âmbito econômico-produtivo, o estágio mais evoluído das forças produtivas, aliado a modelos mais sofisticados de gerenciamento da produção, gera novas formas de desemprego, mais massivos e de longa duração, que podem ser descritas como formas peculiares de exclusão do mercado de trabalho. Do mesmo modo, o fenótipo contemporâneo da pobreza, as formas refinadas de “descontratualização” do trabalho, bem assim as inumeráveis variações dos modos atuais de exploração e até mesmo o não-acesso à propriedade da terra ou da moradia podem ser muito apropriadamente descritas como formas de exclusão e inclusão forçada” (FONTES, 1997, p.34).

Paralelamente a tanta tecnologia, concentrada em apenas alguns grupos, percebe-se que muitos trabalhadores sequer têm acesso aos avanços tecnológicos, vivem sem o mínimo de condições econômicas e, em consequência disso, acabam excluídos principalmente do mercado de trabalho. Este tipo de fenômeno ocasionou, por sua vez, o chamado mercado informal, no qual trabalhadores que não se encaixam no padrão referencial das inúmeras habilidades exigidas na atualidade acabam, por exemplo, sendo inseridos no recolhimento de material reciclável, que é uma fonte de renda.

No século XX, a abundância (GALLO, 2007, p.58) dos bens de consumo produzidos continuamente pela indústria é vista, com freqüência, como um símbolo do sucesso das economias capitalistas modernas. Neste século, se concebeu a ideia de uma “Sociedade de Consumo” como uma utopia da abundância, que seria possibilitada pelo desenvolvimento tecnológico. Porém, o chamado “sonho de igualdade”, graças ao progresso técnico e ao crescimento econômico que possibilitaria o acesso das pessoas aos bens, terminou com uma desigualdade nunca vista até então.

Uma perspectiva bastante semelhante observa-se também na afirmação de Bauman:

Neste cenário, a sociedade costuma descartar o que não serve mais, a busca pelo novo passou a ser uma grande ambição, pois a modernização aliada ao conceito de tecnologia, faz com que o indivíduo leve uma vida cada vez mais frenética buscando o que na verdade não o preenche, surgindo assim à exclusão daquilo que não é útil. (BAUMAN, 2005,p.41 ).

Essa nova modernidade marca uma fase de transformação no jeito de viver das pessoas. Bauman acredita que este novo estilo, que os homens vêm vivendo, é marcado pela precariedade e por condições de incertezas constantes, seja pela transitoriedade ou pelas alterações sucessivas em suas formas.

No entanto, o consumidor se esquece que na “sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias” (BAUMAN, 2005, p.13).

Dentre as sugestões citáveis, Georg Simmel (1969, p.52), afirma que: “os diferentes significados das coisas e, portanto, as próprias coisas são vivenciadas como imateriais, aparecendo num tom uniformemente monótono e cinzento, enquanto tudo flutua com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro”.

“A modernização progrediu de modo triunfante, alcançando as partes mais remotas do planeta; a quase totalidade da produção e do consumo humano se tornaram mediados pelo dinheiro e pelo mercado; a mercantilização, a comercialização e a monetarização dos modos de subsistência dos seres humanos penetraram os recantos mais longínquos do planeta; por isso, não se dispõe mais soluções globais para problemas produzidos localmente, tampouco de escoadouros globais para excessos locais. Na verdade, é o contrário: todas as localidades (incluindo, de modo mais notável, aquelas com elevado grau de modernização) têm de suportar as conseqüências do triunfo global da modernidade” (BAUMAN, 2005, p.13).

Por sua vez, esses trabalhadores fazem parte de uma legião de “refugos humanos” criada pela modernização, refletindo assim a sociedade em que vivemos: acostumada a descartar tudo o que não serve mais, vidas são abandonadas e a busca pelo novo reflete cada vez mais o imediatismo, aprimorado com a onda de crescimento do consumo.

Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser dispensável, tal como a garrafa de plástico vazia e não-retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão, ou manchado, sem utilidade, retirado da linha de montagem pelos inspetores de qualidade. “Redundância” compartilha o espaço semântico

de “rejeitos”, “dejetos”, “restos”, “lixo” – com refugo. O destino dos desempregados, do “exército de reserva de mão-de-obra”, era serem chamados de volta ao serviço ativo. O destino do refugo humano é o depósito de dejetos, o monte de lixo. (BAUMAN, 2005, p.20)

A produção do “refugo humano” (BAUMAN, 2005,p.120) ou, mais propriamente, os seres humanos refugados – os “excessivos” e “redundantes”, ou seja, os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos ou obter permissão para ficar – são um produto inevitável da modernização e um acompanhante inseparável da modernidade. É definido como um inescapável efeito colateral da construção da ordem (cada ordem define algumas parcelas da população como “deslocadas”, “inaptas” ou “indesejáveis”) e do progresso econômico, que não pode ocorrer sem desagradar e desvalorizar os modos anteriormente efetivos de “ganhar a vida” e que, portanto, não consegue senão privar seus praticantes dos meios de subsistência.

Visando uma reflexão humana, Bauman (2005), analisa que o “refugo humano” é tratado da mesma forma que o resíduo doméstico. Vislumbra-se que essas produções prosseguem inquebráveis, atingindo novos ápices e, em consequência disso, o planeta passa rapidamente a precisar de locais de despejo e de ferramentas para o processamento do resíduo. É neste contexto que surgem os chamados refugos da sociedade.

Comenta Lindomar Boneti (1998, p.12): “que a exclusão social é típica do modo de produção capitalista. Ele cita, ainda, a opinião de vários autores sobre esta questão”. Castel considera-a “como rupturas de situações de vínculos sociais hábeis”. Escorel (1999), por sua vez, define-a como: “situações e condições nas quais há um processo social ativo de discriminação, estigmatização e expulsão de um conjunto de âmbitos sociais não determinados por decisões individuais”.

Já Gaulejac (2007, p.17) entende a exclusão social “como um processo resultante da mutação tecnológica, social e cultural” associada “à luta pelo espaço na sociedade”, a qual não se dá “entre indivíduos, pessoas com pessoas, classes com classes, mas entre indivíduos e instituições ou organizações sociais”. No contexto da exclusão social, também se encontram os catadores de resíduos sólidos recicláveis.

De acordo com Paul Singer (1998, p.56), a solução para o problema do desemprego está na economia solidária, que pode “oferecer à massa dos socialmente excluídos uma oportunidade real de se reinserir na economia por sua própria iniciativa”, através da criação de um novo setor econômico, “formado por pequenas empresas e

trabalhadores por conta própria, composto por ex-desempregados, que tenha um mercado protegido da competição externa para seus produtos”.

Neste sentido, se faz necessário destacar a importância do Projeto “Luxo do Lixo”, como sugestão de alternativa viável de economia solidária e sustentabilidade, que oferece aos trabalhadores uma oportunidade de renda e emprego, com a possibilidade de reconstrução de vida e reinserção no mercado de trabalho.

Na lógica capitalista prioriza-se a expansão dos negócios, em detrimento da vida de muitas pessoas que, sem função, não encontram lugar neste mundo. Os seres humanos são classificados como supérfluos desnecessários e até nocivos. Por esta razão, Singer conclui que essas pessoas seriam passíveis de extermínio, pois uma quantidade importante de seres humanos já não é mais necessária ao pequeno número que molda a economia e detém o poder. A eliminação reduziria os custos e aumentaria os benefícios para os balanços de governos e empresas.

A exclusão social, para Maricato (1994,p.51), “envolve uma situação complexa que abrange a informalidade, a irregularidade, a ilegalidade, a pobreza, a baixa escolaridade, o oficioso, a raça, o sexo, a origem e, principalmente, a falta de voz. Ainda para essa autora a exclusão social tem sua expressão mais concreta na segregação espacial ou ambiental”.

No caso brasileiro, a exclusão social configura-se como marca inquestionável do desenvolvimento capitalista brasileiro. A escravidão, predominante durante mais de três séculos no país, apresenta-se como o regime de exclusão social por excelência.

A exclusão social no Brasil permaneceu manifestando-se generalizadamente. De um lado, a velha exclusão continuava sendo a marca das regiões geográficas menos desenvolvidas, diante da permanência da baixa escolaridade, da pobreza absoluta no interior das famílias numerosas e da desigualdade nos rendimentos. De outro lado, a nova exclusão social também mostra a sua face no Brasil de hoje. Embora se propague o crescimento econômico, há uma forte expansão dessa nova exclusão pelas grandes metrópoles, por intermédio: do desemprego generalizado e de longa duração; do isolamento juvenil; da pobreza no interior; da ausência de perspectiva para parcela da população com maior escolaridade; e da explosão da violência.

A ausência de uma reforma social, capaz de possibilitar a distribuição justa da renda nacional, termina impondo não apenas a maior desigualdade de renda, como

também uma pressão adicional no interior do mercado de trabalho. Diante da insuficiência de renda, o país tem mais jovens deslocando-se, precocemente, do sistema escolar para o mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, aposentados e pensionistas não abandonam seus postos de trabalho e empregados aceitam maiores jornadas de trabalho, seja pela ampliação das horas extras, seja pela dupla ocupação.

Isso não quer dizer que o país tenha se mantido estagnado socialmente nos últimos 40 anos. A redemocratização, a aprovação da Constituição de 1988 e a expansão das políticas sociais nas esferas estadual e municipal, contribuíram para uma melhoria dos indicadores de educação e saúde. Mas, simultaneamente, nos últimos vinte anos a exclusão social foi reforçada por novos processos.

Neste sentido, a velha exclusão social não desaparece. O problema dos baixos níveis de renda e instrução se mantém, mas agora sob nova forma. O desemprego e a informalidade contribuem para romper os vínculos sociais numa sociedade cada vez mais competitiva, onde existe uma sede por padrões de consumo mais sofisticados e na qual a violência desponta como sintoma máximo da dessocialização.

Desta forma, a exclusão social, tanto a velha como a nova, somente pode ser entendida a partir de uma compreensão da dinâmica geradora de excluídos sociais, de “desestabilização dos estáveis”, que traz para parcelas crescentes da sociedade brasileira sua “instalação na precariedade”. Ao conjunto dos tradicionais “despossuídos” do passado, agora se junta uma legião de “deserdados”, às vezes com níveis médios de instrução relativamente elevados, em virtude do crescente fracionamento da antiga classe média.

O processo de “financeirização da economia”, especialmente na América Latina, ao gerar uma pressão suplementar sobre o processo de valorização do capital, implica uma flexibilidade crescente dos salários e do emprego. Em vez de adiantar crédito, o sistema financeiro reorienta a poupança para os títulos públicos e, com isso, assume um papel gestor de novos mecanismos de manutenção e ampliação da riqueza.

Em sociedades profundamente desiguais e com baixo dinamismo econômico, a expansão da exclusão social somente deve ser compreendida como a outra face de um processo estéril de concentração da renda e da riqueza. Esta condição fica patente quando são analisados os dados das duas últimas décadas.

Uma pesquisa realizada por Pochmann (2003, p.76) ensejou apurar no ano 2000, em 5.507 municípios brasileiros, o Índice de Exclusão Social. O resultado dependeria do valor encontrado pelo índice, que variava de zero a um em cada município. Os valores próximos a zero, equivaleriam às piores condições de vida; enquanto os próximos de um, às melhores situações sociais.

Nesta pesquisa apurou-se que:

Nada menos que 41,6% das cidades do Brasil apresentam os piores resultados neste indicador, quase todas situadas nas regiões Norte e Nordeste. Mais uma vez, isso reforça a constatação de que a “selva” de exclusão mostra-se aí intensa e generalizada, com poucos “acampamentos” de inclusão social, pontuando uma realidade marcada pela pobreza e pela fome, que atingem famílias extensas, população pouco instruída e sem experiência assalariada formal. (POCHMANN, 2003, p.25).

O número de cidades com elevado índice de exclusão social chega a 41,6% (2.290), do total de 5.507 municípios no território nacional. Índice alto que deveria causar consternação, vergonha e desolação a toda população brasileira. Dentre os municípios de maior índice de exclusão, a maioria localiza-se na região Nordeste que é recordista, representando 72,1% (1.652).

A região Nordeste é formada, principalmente, por famílias vulnerabilizadas pela pobreza e exclusão, inseridas num cenário de uma economia de mercado crescentemente globalizada e assentada sobre a lógica da competitividade ilimitada. Nas regiões Norte e Nordeste, verificam-se vários indicadores baixos, referentes às condições de vida dessas populações: escolaridade, alfabetização, desigualdade social, emprego formal, concentração de jovens, violência. Muitos são os cidadãos que se encontram com profundos problemas de desemprego, condições precárias de moradia e analfabetismo.

Conforme os dados elencados, detectou-se ao longo do território brasileiro, quinto maior país do mundo, a existência de “acampamentos” de inclusão social em meio a uma ampla “selva” de exclusão, que se estende por praticamente todo o espaço brasileiro, mormente nas regiões geográficas do Norte e Nordeste.

Essa desigualdade entre os “incluídos” e “excluídos” revelou-se por meio de oito indicadores: participação de cidadãos, com até 19 anos de idade no total da população; existência de analfabetismo; nível de instrução do chefe; participação dos assalariados em ocupações formais no total da população em idade ativa; violência; pobreza; desigualdade; exclusão social.

## 1.2 – VIDAS DE RUA.

A presença de adultos vivendo cotidianamente nas ruas é uma realidade universal, notadamente, nas grandes metrópoles com processos de urbanização mais ou menos planejados, mais antigos ou mais recentes. Tal fenômeno tem questionado profissionais, pesquisadores, organizações não-governamentais - (ONGs) e, especialmente, as políticas públicas. Neste sentido, a pesquisadora Cleisa Moreno Maffei Rosa, em sua obra *Vidas de Rua*, busca responder o motivo pelo qual as pessoas usam as ruas para morar e sobreviver.

Foi numa ação pioneira da Prefeitura de São Paulo, no final da década dos anos 1980, que a autora deu início ao processo investigativo sobre a população de rua. Assistente Social do quadro técnico da então Secretaria do Bem-Estar Social, Rosa participou da primeira pesquisa que delineou o perfil e as características da população de rua.

No estudo foi apresentado que as décadas de 1970 e 1980 estão marcadas pela hostilidade e agressão do poder público, em relação à população de rua. Administrações, como a do prefeito Jânio Quadros, desenvolveram ações truculentas de despejos e perseguição sistemática a esta população. Os fatos mais graves foram: a proibição de catar papelão, a expulsão das praças com jatos de água de carros-pipas e o cerceamento do direito de ir e vir mediante o gradeamento de praças e baixos de viadutos, dando início a chamada arquitetura da exclusão. Essa política teve continuidade na administração do prefeito Paulo Maluf e contou com algumas nuances nas administrações posteriores.

A administração Luiza Erundina de Sousa, no início dos anos 1990, trouxe vigor às iniciativas e parcerias, direcionadas à população de rua. As duas gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) – 1989/1992 e 2001/2004 – no Executivo e no Legislativo, possibilitaram avanços consideráveis em políticas de atendimento à população de rua.

Os primeiros grupos a interagirem com a população de rua ocuparam-se da construção de conceitos que legitimassem ou expressassem determinada prática em relação a ela, contando inclusive com a participação de grupos religiosos. A autora relata, com propriedade em seu trabalho, que a mudança freqüente de terminologias aponta para a

fragilidade de conceitos, destinados a abranger toda a complexidade, a dramaticidade do sofrimento e perdas reais das pessoas que vivem na rua.

Uma iniciativa importante realizada pela autora do trabalho foi o incentivo e a viabilização da interação entre os universitários e a população de rua, por meio do Fórum de Debates sobre a População em Situação de Rua.

No que diz respeito às histórias de vida dos moradores de rua entrevistados, que contadas em pormenores ao descrever as agruras e alegrias pelas quais passa a população em situação de rua, expressam o cuidado que a autora dedica ao grupo de pessoas, sem perder de vista a individualidade e a identidade dos que compõem os grupos que vivem nas ruas.

Na sistematização de tais trajetórias, foi ressaltado que as pistas de compreensão estão ligadas às categorias trabalho e família. A interdependência entre os processos econômicos e sociais demonstradas, desnuda todo tipo de escamoteamento que queira culpar a própria população pela situação vivida.

Se a dependência alcoólica marca importante lugar na vida da população de rua, nos últimos anos o *crack* ameaça a todos. De um lado, a possibilidade do consumo, pois a droga pode substituir muitas vezes o álcool e passar a ser a válvula de escape de que tanto se fala na rua ou, como muitos dizem, “para segurar a barra”. De outro lado, essa ameaça não se circunscreve à insegurança e ao medo de ser roubado ou até morto: quem vive nas ruas está exposto a conluíus quase que obrigatórios, em que se troca a cumplicidade pela vida, vigorando a lei do silêncio.

Vivem no limite da possibilidade de uso da bebida ou da droga ilícita, pela falta de perspectiva e de saídas; como também ficam à mercê de traficantes, que intencionam fazer dos moradores de rua usuários ou passadores e utilizá-los para acertos de contas entre eles próprios.

Esse fato pode ser mais um elemento que estigmatiza a população como perigosa. E o que acontece, na verdade, é que ela está exposta, desprotegida diante da aproximação de uma droga pesada e barata como o *crack* e submetida à ação de uma rede de criminalidade, sem muito poder de reação.

### 1.2.1 – Movimento Social: da Rua para Terra

A autora do livro *Vidas de Rua*, Cleisa Moreno Maffei Rosa, também relata a rica experiência de se preparar pessoas em situação de rua para o ingresso na terra, por intermédio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Neste sentido, durante o processo de investigação, a autora conheceu um grupo de educadores de rua, agentes pastorais, religiosos e voluntários que destinavam parte de seu tempo ao trabalho com a população de rua, visitando casas de convivência e albergues na capital do Estado de São Paulo. O que chamou a atenção foi o empenho deste grupo em descobrir alternativas para que essas pessoas, moradoras de ruas ou albergues, encontrassem como saída e reconstrução de suas vidas o retorno à terra, conforme a perspectiva do MST.

As dimensões coletivas e organizativas desta proposta de trabalho – de reinserção do trabalhador no meio rural e de direito a terra – significam um contraponto à ausência de políticas públicas caracterizando, portanto, uma possibilidade real de saída das ruas.

Para justificar esse novo trabalho realizado pelo grupo, foi apresentada a síntese da proposta de um dos participantes do grupo, o senhor Luiz Carlos Roman, no 1º Congresso da Rua para a Terra:

Primeiro é o resgate à cidadania. Eu acho que, com a conquista de um pedaço de terra, a gente está conquistando também o nosso direito de pão, de moradia, de trabalho. E aí a gente se depara com os inúmeros problemas sociais que enfrentamos hoje e de que os grandes centros urbanos são palco, como o desemprego, a violência, a fome, a falta de moradia. Eu acredito que a grande importância da reforma agrária é isso; é esse resgate da cidadania, porque nos vai dar, nos vai garantir todos esses direitos que a sociedade hoje nos está negando. Então essa luta, como alguns companheiros já falaram, é uma luta justa, é uma luta digna. (ROMAN, 1998, p.177/178).

A autora descreveu a experiência do senhor Antônio – um dos trabalhadores entrevistados durante a realização da pesquisa – ao ingressar no MST, em dezembro do ano de 1997:

De 97 para cá eu fiquei desempregado e aí começou a pesar a minha vida, porque não tinha mais dinheiro e eu não sabia mais o quê fazer; comecei então a morar em albergues. Muitas pessoas já não conseguem mais ficar na cidade, por causa do desemprego. Eu morava em pensão e trabalhava. Eu sempre gostei de trabalhar, desde criança. Gosto muito da agricultura, sinto uma coisa pela agricultura. Mesmo naquele tempo que eu estudava, alguma coisa me tocava, como que falasse assim: Antonio, vai para a agricultura que você vai ganhar alguma coisa. Mas eu não dava muita atenção. Ah, a agricultura, vou nada! Isso era para o meu avô que já é de idade, para o meu pai, para a minha mãe. Eu

falava assim. Mas depois descobri que não é nada disso, a terra pertence a todos desde a criancinha até o mais velho. E eu estou aí na luta... conheci o movimento em 1997, quando eu estava morando no Brás. Aí daquela primeira segunda-feira que eu assisti a reunião eu fui perseguindo aquela coisa. Assim que eu vi que realmente o MST não era nada daquilo de ruim que as pessoas falavam, quer dizer, muitas pessoas metiam o pau, falava: Ah, o MST só tem negócio de morte, essas coisas, já morreu muitas pessoas em tal lugar. Mas eu fui vendo que não era nada disso, o MST é uma bandeira-mãe. Quando eu vi a terra, eu já senti que ela é uma mãe. A terra dá muitas coisas para a gente. É uma coisa que eu quero não só para mim, mas peço a Deus que a reforma agrária saia no Brasil. Eu peço a Deus que abra o coração de cada pessoa para todo mundo se unir com o outro, que o povo unido jamais será vencido, como fala na bandeira do MST. É pra tudo se unir, que o MST é uma bandeira que nós, pobres, devemos carregar. E nós somos mais pobres. Olha a classe média que está sofrendo, junte-se a nós, junte-se a bandeira do MST, pessoas de rua, pessoas desempregadas, pessoas de toda a profissão, não importa a profissão. Tendo garra, vontade, disposição, que é a coisa muito importante, e também força de vontade, se agarra mesmo a bandeira. Como a gente ama a nossa mãe nós temos de amar a bandeira do MST... A relação com minha família é maravilhosa, graças a Deus, também aqui nós somos uma família. O MST é uma família.

Neste depoimento, o trabalhador relata uma nova tendência e alternativa de saída das ruas e reinserção no MST, traz também repercussões positivas na representação que esses trabalhadores fazem de si mesmo; pode-se dizer que adquirem uma identidade positiva na busca de sua cidadania, readquirindo dignidade e respeito.

Sendo assim, a possibilidade de conquistar não só um pedaço de terra, mas a internalização da dignidade e do respeito próprio, a recuperação de autoestima, além do sentimento de pertencer a uma família, restabelece vínculos afetivos, enquanto ingredientes fundamentais nessa reconstrução de vida.

### 1.3 – REFLEXÕES SOBRE O CONSUMO E VIDA LÍQUIDA

O tema, “consumo”, está em destaque e toma corpo nas discussões sobre a questão ambiental, notadamente no que se refere aos resíduos sólidos. Magera (2004) ressalta em recente relatório da Organização das Nações Unidas (ONU), um estudo divulgado a respeito do nível atual de consumo no mundo. Conforme o autor, “já ultrapassamos ou excedemos em 40% a capacidade de restauração da biosfera, levando-se em conta o consumo de alimentos, recursos naturais e energia”.

Outras importantes considerações, sobre a dicotomia consumo/resíduo, podem ser encontradas: em Abreu (2001), ao afirmar que "somos invadidos a todo o momento pelo desejo de consumir mais e mais supérfluos, transformados em necessidades

pelo mercado, e que rapidamente viram lixo"; e em Zaneti (2006), que alerta para o fato de que "estamos a caminho de uma rota de colisão porque chegamos em pleno século XXI com uma tecnologia avançada, com uma enorme variedade e complexidade de produtos sem saber o que fazer com as sobras deles".

O processo dialético de exclusão/inclusão social provoca grande sofrimento nos sujeitos, uma vez que eles não constituem meramente um ser biológico que precisam de condições materiais; eles também são seres de afetos, de desejos, de sentimentos e de paixões. Sawaia (2001, p.115) denominou esse sofrimento de ético-político: "[...] dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. E o que é mais importante na gênese desse sofrimento é a consciência do sentimento de desvalor, da deslegitimidade social e do desejo de 'ser gente' [...]". Por outro lado, os entrevistados ainda têm esperança de uma melhoria de vida e conquista de um espaço digno e justo.

Na transição do século XX para o XXI, ricos e pobres são afetados por transformações das mais diversas maneiras e intensidades. É a modernidade tardia, que Beck (1997) considera: "como uma fase em que a modernidade é inserida num novo modelo social, que mina e revisa as características do momento anterior, industrial, e que abre o projeto humano pra novas contingências, complexidades e incertezas".

Dentro dessas novas contingências, a modernidade tardia marca uma fase de transformações no jeito de viver das pessoas. Contemporaneamente, Bauman acredita que o estilo de vida é caracterizado pela precariedade, marcado por condições de incerteza constante, pela transitoriedade e alterações sucessivas em suas formas. É uma vida líquida, em que o existir significa transformar-se, constantemente, numa verdadeira sucessão de reinícios.

Esta vida líquida marca uma sociedade balizada por valores voláteis, instáveis, descompromissados com o futuro, egoístas e hedonistas. Valores estes que acabam por gerar preceitos e ligações frouxas, além de compromissos revogáveis.

Muda-se o modelo social, alteram-se o jeito de viver e os valores. Em consequência, acredita Bauman, que nestes cenários se reestruturam os processos de formação identitários, a partir de referências em movimento, marcadas por grupos móveis, frágeis e velozes, que buscam desesperadamente âncoras sociais com as quais possam se referenciar momentaneamente e onde "as identidades ao estilo antigo (...) simplesmente não funcionam" (BAUMAN, 2005, p. 33). Trata-se de um modelo identitário,

caracterizado por ganhar livre curso, cabendo a cada indivíduo fazer suas escolhas a partir dos recursos e ferramentas que tem disponível.

Dentre esses recursos, o consumo estabelece-se como matéria-prima contínua e obsessiva para dar forma às identidades. Consumir, neste sentido, mais do que tratar do consumo de signos, passa a funcionar como um elemento que avalia e julga as pessoas, chegando a estruturar e orientar todo o ambiente social por uma “síndrome consumista”. O consumo modela a tudo e a todos (BAUMAN, 2005, p.109).

Os bens de consumo passam também a configurar uma situação original, pois pela primeira vez na história da humanidade: livrar-se das coisas se torna tão ou mais importante do que a mera posse. Como nesta sociedade a taxa de mortalidade de expectativas é elevada, consumidores experientes não se importam em destinar à lata de lixo tudo o que já tenha ultrapassado seu tempo de uso. E o descarte tem sentido próprio: é o medo de ser considerado descartado pela vida social, é o receio de ser jogado, literalmente, no recipiente que abriga resíduos sólidos, popularmente conhecido como “lata de lixo”.

Os resíduos, portanto, têm papel especial nesse contexto. Por ser o produto principal e mais abundante desse tempo, resultado final de toda e qualquer ação de consumo, descartar tudo o que se tornou obsoleto é medida de satisfação, é garantia de estar fora do lugar onde ninguém quer estar.

Nessa perspectiva, “o lixo é considerado o local dos excluídos e rejeitados, dos que possuem uma identidade social deteriorada”. (GOFFMAN, 1988, p.118).

No modelo social descrito alguns grupos vivem do lixo, entre eles os agentes econômicos que se apropriam dos restos da sociedade para retirarem dali sua sobrevivência. São os catadores de materiais recicláveis:

Um grupo complexo e diversificado e sujeito a profunda rejeição social. O pensamento sobre a posse dos bens, mesmo que retirados do lixo, é o de que pelo menos existe a possibilidade de se ter, possuir um determinado bem, já que as mercadorias são vistas, pelo grupo, como símbolos de prestígio. (GOFFMAN, 1988, p. 118).

Neste sentido, Forrester (1997, p.09) evidência a problemática do desemprego, não como um período de transitoriedade da economia mista, mas como uma nova face do mundo. Neste quadro, a autora aponta para a precarização das identidades que leva os indivíduos a uma miséria existencial e enfatiza o caráter sacralizante do trabalho,

acessível somente aos “eleitos” e proibido aos “profanos” – que se tornam homens comuns, portanto supérfluos, ou melhor, “excessos” que precisam ser descartados.

Quanto ao “desemprego”, fala-se dele por toda a parte, permanentemente. Um grupo complexo e diversificado e sujeito a profunda rejeição social. O pensamento sobre a posse dos bens, mesmo que retirados do lixo, é o de que pelo menos existe a possibilidade de se ter, possuir um determinado bem, já que as mercadorias são vistas, pelo grupo, como símbolos de prestígio. Hoje, entretanto, o termo acha-se privado de seu verdadeiro sentido, recobrando um fenômeno diferente daquele outro, totalmente obsoleto, que pretende indicar. A respeito dele, contudo, são feitas laboriosas promessas, quase sempre falaciosas, que deixam entrever quantidades ínfimas de empregos acrobaticamente lançados (como saldos) no mercado, porcentagens irrisórias em vista dos milhões de indivíduos excluídos do salariado e que, nesse ritmo, continuarão assim durante decênios. Em que estado, então, a sociedade, eles, o “mercado de emprego”? (FORRESTER, 1997, p.9).

Entretanto, quando tratamos da posse de mercadorias retiradas da sobra de resíduos, é preciso considerar que a homogeneização não acontece com a simples posse.

Sendo assim, nos atuais tempos, a sociedade costuma descartar o que não serve mais, a busca pelo novo passou a ser uma grande ambição, pois a modernização aliada ao conceito de tecnologia, faz com que o indivíduo leve uma vida cada vez mais frenética buscando o que na verdade não o preenche, surgindo assim à exclusão daquilo que não é útil. Em consequência disso, percebe-se que a individualização do ser humano, que busca o prazer no “ter” e não o “ser”, faz com que o indivíduo se perca na sua concepção.

A sociedade passa a aceitar o indivíduo verdadeiramente como produtor/consumidor, sendo que o emprego exercido é o meio para se atingir esse destino, caracterizando-o como chave mestra para a solução de todos os seus problemas, em especial do consumo.

Aquilo que não serve mais para o indivíduo, ou seja, o que se torna imprestável, é descartado dentro de pouco tempo, sem qualquer remorso ou sensação de culpa para o consumidor; o que realmente importa é a maneira pela qual seus esforços juntam-se na busca pelo ter, ou seja, pelo novo.

Os consumidores são treinados para sentir alegria com aquilo que lhe é oferecido como bem de consumo. Ou seja, treinados para sentir prazer e não sofrimento. Contudo, alguém deve ficar com a função do recolhimento do lixo da sociedade e cabe, na maioria das vezes, aos trabalhadores que estão excluídos tanto da sociedade como do mercado consumidor, fazer essa função. É nessa questão que entra a reciclagem de lixo.

Visando uma reflexão humana, analisa-se que o refugo humano é tratado da mesma forma que o lixo doméstico, vislumbra-se que essas produções prosseguem inquebráveis e atingem novos ápices. A consequência disso é que o planeta passa, rapidamente, a precisar de locais de despejo e de ferramentas para a reciclagem do lixo.

É neste contexto também que surgem os chamados excluídos da sociedade.

No próximo capítulo, será abordado: os resíduos sólidos, matéria-prima fundamental e utilizada, diariamente, pelos trabalhadores no Projeto “Luxo do Lixo”. Destaca-se, dentre os subcapítulos, a nova lei aprovada recentemente sobre a Política Nacional de Resíduos Sólidos e os respectivos Estados brasileiros que dispõem de normas neste sentido. Uma reflexão sobre a quantidade de resíduos sólidos reciclados na cidade de Catanduva, Estado de São Paulo, também faz parte da abordagem.

## 2 - RESÍDUOS SÓLIDOS

*“O que nos falta, é a capacidade de traduzir em proposta àquilo que ilumina a nossa inteligência e mobiliza nossos corações: a construção de um novo mundo.”*

*Herbert José de Souza – (Betinho) 1935 - 1997*

Embora “lixo” e resíduos sólidos possuam a mesma característica, faço a opção neste trabalho pela nomenclatura: resíduos sólidos, pois é necessário, em razão do título, tomar por diretriz palavras que não venham apontar erros ou confusão para a leitura.

Sendo assim, no presente capítulo faz-se necessário compreender o atual cenário dos resíduos sólidos, qual a importância da reciclagem e coleta seletiva, passando pelos tipos de resíduos sólidos mais usados; assim como uma reflexão sobre qual o real papel de cada cidadão na busca e responsabilidade do consumo consciente e o que almejamos deixar como legado para as novas e futuras gerações.

Um fato novo que está sendo abordado é a Política Nacional de Resíduos Sólidos e quais estados brasileiros já possuem também sua norma referente ao assunto.

Este capítulo é necessário, pois faz uma reflexão sobre a principal matéria-prima dos trabalhadores envolvidos no Projeto “Lixo do Lixo”, ou seja, os resíduos sólidos.

### 2.1 – ASPECTOS ENVOLVENDO A QUESTÃO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS.

Do ponto de vista histórico, por volta de 1779, os resíduos sólidos passaram a ser considerados como algo que deveria ser removido das cidades, mas ainda assim tratava-se de uma coleta primordialmente orgânica. O trabalho do “lixo” surge na França, no século XIX e só em 1846 mereceu orçamento e cuidados próprios (CARMO, OLIVEIRA e MIGUELES, 2004).

“No Brasil, a Constituição Federal (CF) designa para as municipalidades a responsabilidade pelo gerenciamento e destinação dos resíduos sólidos”. (SOARES-BAPTISTA, 2003).

No linguajar popular e de forma quase que generalizada, os resíduos sólidos são chamados de “lixo” que, de acordo com o Moderno Dicionário Enciclopédico

Brasileiro, significa: “o que não presta e se deita fora; tudo o que é varrido de uma casa e se deita para um recipiente; cisco; imundície; sujeidade”. Essa palavra, assim, possui uma denotação de que tudo o que resta das atividades humanas não possuem valor, o que não é verdadeiro, por isso no presente trabalho assume-se o conceito de resíduos sólidos.

A Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), através da Norma Brasileira Registrada 10004, denomina o comumente conhecido “lixo” de: resíduos sólidos, termo este a ser adotado neste trabalho. Segundo o Dicionário Moderno da Língua Portuguesa (ALVES, 1958), “providências no sentido da classificação dos resíduos que o compõem – a denominação de “resíduos sólidos”; residu, do latim, significa o que sobra de determinadas substâncias e sólido é incorporado para diferenciá-lo de líquidos e gases”.

Nesta norma encontra-se a classificação e a definição de resíduos sólidos, como sendo:

Resíduos no estado sólido e semi-sólido, que resultam de atividades da comunidade de origem: industrial, doméstico, hospitalar, comercial, agrícola, de serviço e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpos de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível. (ABNT,1987)

Segundo levantamento realizado pelo Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE, 2011), “existem várias formas possíveis de se classificar os resíduos sólidos: por sua natureza física (seco e molhado); por sua composição química (matéria orgânica e matéria inorgânica); pelos riscos potenciais ao meio ambiente (perigosos, não-inertes e inertes)”.

No Brasil, segundo informações publicadas pelo site Portal Brasil (2011), mantido pela Presidência da República, a produção diária de resíduos sólidos é de 161.084 toneladas. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a produção diária de resíduos sólidos por pessoa, é de aproximadamente 962 gramas.

Segundo Fritsch (2000), “produzir resíduos é inerente ao ser humano, destiná-los adequada e satisfatoriamente é o maior desafio das administrações públicas e essa atividade não pode ser exercida sem a colaboração direta do munícipe”.

Quanto maior a quantidade de resíduos sólidos gerada por uma cidade, maiores são os gastos com ele. Por isso, incentivar a redução da geração de resíduos é uma das estratégias para que os municípios consigam reduzir sua receita, no que se refere aos

gastos com a coleta, tratamento e disposição final destes. Porém, antes mesmo de se procurar reduzir a produção de resíduos, é fundamental investir na prevenção.

Os resíduos sólidos produzidos atualmente no cenário urbano, não é o mesmo de vinte anos atrás, ele mudou em quantidade e qualidade, em volume e composição, apresentando um grande número de embalagens. Aliado a essa quantidade, surgem os chamados resíduos sólidos de produtos eletroeletrônicos, ou seja, celulares, computadores, televisores, etc.

Com isso, a montanha de resíduos sólidos de produtos eletroeletrônicos cresce em alta velocidade. De acordo com um relatório das Organizações das Nações Unidas (ONU), publicado na Revista Info-Exame, Carvalho (2010, p.50) “o volume anual destes produtos descartados no planeta aumenta 40 000 (quarenta mil) toneladas todos os anos. O principal problema do resíduo eletrônico no país, é que ainda não há a prática de dar a ele um destino específico”.

Os resíduos sólidos de produtos eletroeletrônicos vão parar em aterros sanitários junto com os resíduos sólidos comuns. Como os aparelhos contêm metais pesados, como chumbo, níquel e cádmio, as conseqüências são terríveis para o ambiente. Um exemplo está nos monitores e televisores de tubo. Com a popularização das telas de cristal líquido, eles são descartados aos milhares. Cada um contém em média 1,4 quilos de chumbo. Uma camada do metal fica logo atrás da tela para proteger o ser humano dos raios catódicos emitidos pelo tubo de imagem. Se ingerido, o chumbo causa danos ao sistema nervoso e reprodutivo. (CARVALHO, 2010, p.50).

Os resíduos sólidos advindos da área rural também tiveram seu volume aumentado, devido à presença de sacos plásticos e frascos, bem como embalagens plásticas em geral e de agrotóxicos, as quais podem contaminar o ambiente ou causar prejuízos para animais, caso as consumam.

## 2.2 – POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS.

Sancionada em 02 de agosto e regulamentada em dezembro de 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) tem em 2011 o seu primeiro ano de implantação. A Lei nº 12.305/10 institui o princípio de responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos, o que abrange fabricantes, importadores, distribuidores e comerciantes, consumidores e titulares dos serviços públicos de limpeza urbana e manejo de resíduos sólidos, seja pela minimização do volume e rejeitos gerados, bem como pela

redução dos impactos causados à saúde humana e à qualidade ambiental decorrentes do ciclo de vida dos produtos.

A PNRS fortalece os princípios da gestão integrada e sustentável de resíduos. Ela propõe medidas de incentivo à formação de consórcios públicos para a gestão regionalizada, com vistas a ampliar a capacidade de gestão das administrações municipais, por meio de ganhos de escala e redução de custos no caso de compartilhamento de sistemas de coleta, tratamento e destinação de resíduos sólidos. Inova no país ao propor a responsabilidade compartilhada: pelo ciclo de vida dos produtos, pela logística reversa de retorno de produtos, prevenção, precaução, redução, reutilização e reciclagem, metas de redução de disposição final de resíduos em aterros sanitários e a disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos em aterros sanitários.

A lei exige também que, a partir da sua regulamentação no prazo de dois anos, a elaboração de planos de resíduos sólidos em âmbito nacional, estadual e municipal que erradiquem os lixões, apresente metas gradativas de redução, reutilização e reciclagem, com o objetivo de reduzir a quantidade de resíduos e rejeitos encaminhados para disposição no solo.

No início de 2011, foi constituído o Comitê Orientador Interministerial (COI) para a implantação dos sistemas de logística reversa. A finalidade é garantir que os resíduos sólidos sejam reutilizados, reciclados ou recolhidos pela indústria responsável. Para exercer o princípio da responsabilidade compartilhada, a lei fixa o dever dos consumidores de acondicionarem adequadamente os resíduos reutilizáveis e recicláveis, sempre que houver o sistema de logística reversa ou coleta seletiva implantada pelos municípios.

Com o objetivo de garantir a eficácia da imposição, a lei estabelece infração administrativa ambiental, nas situações de descumprimento das obrigações relacionadas à coleta seletiva e logística reversa. Ao cometer o desvio de conduta, no caso de contravenção primária, o consumidor estará sujeito à penalidade de advertência. Caso seja reincidente, ele poderá sofrer autuação e multa em valores que variam de R\$ 50,00 (cinquenta reais) a R\$ 500,00 (quinhentos reais). De acordo com a nova lei, os envolvidos na cadeia de comercialização dos produtos, desde a indústria até as lojas, deverão estabelecer um consenso sobre as responsabilidades de cada parte. As empresas teriam até dezembro do ano de 2011 para apresentar propostas de acordo – quem perdesse esse prazo ficaria sujeito à regulamentação federal.

A inclusão das cooperativas de catadores, em todas as fases da coleta seletiva de resíduos, também está garantida. Será priorizada a participação das cooperativas ou outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis, constituídas por pessoas físicas de baixa renda, para a coleta de resíduos. A publicação prevê que a União deverá criar um programa com a finalidade de melhorar as condições de trabalho e oportunidades de inclusão social e econômica de tais trabalhadores.

Segundo Bordenave (1992), “a participação é inerente à natureza social do homem, tendo acompanhado sua evolução desde a tribo e o clã dos tempos primitivos, até as associações, empresas e partidos políticos de hoje. Neste sentido, a frustração da necessidade de participar constitui uma mutilação do homem social”.

#### 2.2.1 – Política Estadual de Resíduos Sólidos.

Alguns estados têm criado, dentro de seu âmbito de atuação, sua própria política de resíduos sólidos, preenchendo assim uma lacuna que havia pela falta de uma Política Nacional de Resíduos Sólidos.

No estado do Rio de Janeiro, a Política Estadual de Resíduos Sólidos é regida pela Lei nº 4.191/2003, que tem enfoque na conservação, preservação e educação ambiental. Em relação aos catadores de resíduos, essa mesma lei prevê como incentivos para a implementação dos seus objetivos um programa de habitação popular, para retirar os moradores de aterros e lixões e de inserção social destas famílias; além de incentivo aos programas estaduais e municipais que priorizem o catador como agente de limpeza e de coleta seletiva.

No estado de São Paulo, a Lei nº 11.387/03 cria um Plano Diretor de Resíduos Sólidos, que tem por objetivos realizar diagnóstico e propor soluções no tocante à coleta, tratamento e disposição final dos mesmos, sejam eles domiciliares, industriais ou hospitalares.

No estado de Minas Gerais, foi criada através da Lei nº 14.128/01, a Política Estadual de Reciclagem de Materiais que tem como objetivo incentivar e estimular o uso, a comercialização e a industrialização de materiais recicláveis. Sendo adotadas medidas como a concessão de benefícios, incentivos e facilidades fiscais.

Em Pernambuco, o estado criou a Lei nº 12.008/01, que estabelece a Política Estadual de Resíduos Sólidos, essa lei apresenta um maior envolvimento também com os catadores de resíduos sólidos, em especial os materiais recicláveis. Essa legislação

tem proximidades com a legislação do estado de Goiás, regido pela Lei nº 14.248/2002, que prevê como seus princípios, dentre outros, a minimização de resíduos e a responsabilidade pós-consumo. Tem como diferencial a promoção de um modelo de gestão de resíduos sólidos, com uma visão sistêmica, que leve em consideração as variáveis ambientais, sociais, culturais, econômicas e tecnológicas.

Assim, a política de resíduos em Pernambuco, como instrumento econômico e fiscal, atribui concessão de incentivo fiscal e financeiro às unidades geradoras de resíduos, que financiam pesquisas e utilizam tecnologias que não agridem o meio ambiente no tratamento dos resíduos. Entre tais concessões destacam-se: a redução de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS), para resíduos recicláveis e produtos fabricados com resíduos recicláveis; a fomentação de parcerias das indústrias recicladoras com o poder público e a iniciativa privada, nos programas de coleta seletiva; e o apoio à implantação e ao desenvolvimento de associações e cooperativas de catadores.

Os estados do Ceará e de Pernambuco consideram a coleta seletiva como atividade ecológica e de relevância social, no entanto, não há definições acerca de como implementar esses programas de coleta seletiva.

Quando se decide pela criação de leis estaduais, é evidente a preocupação com a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. Com isso, nos casos de infração à legislação da propositura, há também a previsão, por parte do Ministério Público (MP), de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), que será aplicado a cada caso estudado.

#### 2.2.2 – Política de Resíduos Sólidos em Catanduva.

O Município de Catanduva, segundo informação da secretária de Desenvolvimento, Emprego e Relações do Trabalho, Adriana Bonjovani (2007, p.04), em matéria publicada no jornal “Notícia da Manhã”, a média diária produzida de resíduos sólidos é de 100 toneladas. Esses dados apresentam que apenas 1% dos resíduos sólidos do Município de Catanduva é reciclado. Este processo de reciclagem é desenvolvido apenas pelo Projeto “Luxo do Lixo”, já que nem o Município e tão pouco a empresa de coleta de resíduos possuem projetos de coleta seletiva e reciclagem ambiental.

“Se não fosse o trabalho realizado pelos trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”, sequer haveria reciclagem em Catanduva.” (ROSA, 2011).



### 2.2.3 – Projeto “Luxo do Lixo” – Evolução da Coleta.

O Projeto “Luxo do Lixo”, nesta nova etapa, tem dado um importante passo para o início da reciclagem no município de Catanduva. Começou com o recolhimento de resíduos sólidos reciclados de 40 parceiros e, atualmente, são 150 parceiros, entre: empresas, supermercados e pontos de coleta, que somados já possibilitou a reciclagem de mais 1200 toneladas, conforme dados apurados.

**Tabela 01** – Projeto “Luxo do Lixo” – Evolução da Coleta.

<b>Mês</b>	<b>Peso Líquido (Toneladas)</b>
Setembro/2009	24,76 t
Outubro/2009	41,50 t
Novembro/2009	37,33 t
Dezembro/2009	26,00 t
Janeiro/2010	42,33 t
Fevereiro/2010	36,55 t
Março/2010	60,12 t
Abril/2010	36,66 t
Maio/2010	44,17 t
Junho/2010	46,96 t
Julho/2010	41,38 t
Agosto/2010	69,20 t
Setembro/2010	62,47 t
Outubro/2010	47,91 t
Novembro/2010	57,75 t
Dezembro/2010	47,71 t
Janeiro/2011	84,05 t
Fevereiro/2011	65,70 t
Março/2011	92,23 t
Abril/2011	70,85 t
Maio/2011	85,93 t
Junho/2011	84,53 t
Julho/2011	76,81 t
Agosto/2011	81,59 t
Setembro/2011	79,29 t
<b>Total</b>	<b>1.443,78t</b>

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

No próximo capítulo, após estudo junto ao Museu “Padre Albino”, localizado na região central de Catanduva, foi abordada a origem do Projeto “Luxo do Lixo”, projeto este implantado no Brasil pela Cáritas Brasileira, com destaque especial ao trabalho que vem

sendo desenvolvido desde o ano de 1998 na cidade de Catanduva, mantido pela Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”.

expert PDF  
Trial

### 3 – PROJETO “LUXO DO LIXO”.

*“Quando uma criatura humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda a força de sua alma, todo o universo conspira a seu favor”.*

*Johann Goethe, 1749 - 1832*

No presente capítulo explicita-se a questão que envolve a história do Projeto “Luxo do Lixo”, desde a sua implantação no Brasil pela instituição Cáritas – que é ligada à Igreja Católica – até o seu desenvolvimento no âmbito municipal, especificamente no município de Catanduva, estado de São Paulo, cuja instituição mantenedora é a Associação “Pão Nosso - Obras Sociais Padre Osvaldo”.

#### 3.1 – PROJETO LUXO DO LIXO NO BRASIL.

No ano de 1991 foi iniciado o processo de elaboração do 1º Regimento Interno do Regional, concluído em 1993, após a participação de todas as entidades-membro. Nesse período, o Regional São Paulo instalou o primeiro aparelho de FAX em toda a rede Cáritas no Brasil.

Em 1992, começa a ser implantado o Projeto “Luxo do Lixo”, Esperança de Vida Nova, com catadores de papel e moradores de rua, bem como para atender a desempregados. O projeto contou com a participação de 12 Cáritas (Arqui) Diocesanas, sendo apoiado, no primeiro momento, pelas Cáritas Internacionais da Alemanha – Sours Catholique – Cáritas França, Cáritas Holandesa, Cáritas Italiana e Cáritas Suíça. Posteriormente, esse projeto seguiu com o apoio da Cáritas Alemã com recursos do Governo Alemão. A experiência do projeto foi apresentada na Conferência das Organizações Não-Governamentais – (ONGs), da Rio 92 – ECO 92, da qual participaram a Cáritas Brasileira e também a CNBB. No ano de 1996, o Regional de São Paulo é reativado como Secretariado Regional filial da Cáritas Brasileira, jurídica e oficialmente. Nesse momento, a Cáritas alemã, através de recursos do Governo Alemão, passa a apoiar o Projeto “Luxo do Lixo” e o Regional de São Paulo (1993-1998). Características da instituição: a Cáritas Brasileira/ Regional de São Paulo é um organismo da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Seu projeto “*Luxo do Lixo*” nasceu da experiência

em Guaratinguetá, da Obra Social “Nossa Senhora da Glória”, que conjuga a atividade de reciclagem à recuperação de drogados e presidiários. Da necessidade de desenvolver um trabalho autossustentado, combinado com as atividades de promoção humana, 12 dioceses da Cáritas do Brasil e estado de São Paulo iniciaram o programa de coleta seletiva em 1991.

Com o intuito de promover os catadores de papel, gerar emprego, renda e recursos financeiros para aplicar em projetos sociais e desenvolver um processo de educação ambiental, o programa consistiu no apoio à criação de sistemas informais de coleta seletiva, mais conhecido como Projeto “Luxo do Lixo”, articulando recursos humanos e físicos de cada local. Ao todo envolve 114 pessoas e está em andamento em vários núcleos no Estado de São Paulo: Brasilândia, Campo Limpo, Ibiúna (diocese de Osasco), Hortolândia (arquidiocese de Campinas), Jaú (diocese de São Carlos), e dioceses de Franca, Assis, Lins, Araçatuba e Catanduva.

O número de pessoas envolvidas depende da estrutura de cada núcleo: disponibilidade de equipamentos, recursos financeiros e espaço físico, organização da comunidade, etc. Os núcleos instalados pela regional do Cáritas recebem os materiais coletados seletivamente pelos catadores, que são previamente orientados quanto aos equipamentos, método de trabalho, compradores potenciais e preços atualizados para comercialização dos recicláveis. O núcleo de Franca, por exemplo, envolve de 15 a 20 pessoas nas atividades de coleta (com caminhão), classificação e prensagem, além de equipe de apoio. O programa de Brasilândia envolve 14 comunidades atendidas pela coleta seletiva. Em Araçatuba a Associação de Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis da cidade participam do programa.

A divulgação do programa é feita também de acordo com a disponibilidade de recursos, envolvendo trabalho corpo-a-corpo e os meios tradicionais de comunicação, ligados à Igreja Católica.

Apesar de o "*Luxo do Lixo*" não possuir dados sistematizados, por causa da dificuldade em atender diferentes localidades, é evidente que o trabalho vem contribuindo de forma substantiva para a promoção humana, geração de empregos, educação para o meio ambiente, redução do volume de material destinado para aterros ou lixões e busca de uma sociedade mais justa e solidária.

Sobre a origem do nome “Luxo do Lixo”, durante a realização da pesquisa para a conclusão deste trabalho, foi mantido contato com a Cáritas Diocesana, com a

Cáritas Nacional e a Cáritas Regional São Paulo, mas nenhuma soube informar corretamente a verdadeira origem do nome.

### 3.2 - PROJETO LUXO DO LIXO EM CATANDUVA.



**Figura 03** – Placa Indicativa na sede do Projeto Luxo do Lixo.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

O Projeto “Luxo do Lixo” nasceu por iniciativa do Poder Executivo de Catanduva, através de Lei nº 3449, de 10 de novembro de 1998, em convênio com a Cáritas Diocesana de São José do Rio Preto e a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Catanduva.

A Lei que criou o Projeto “Luxo do Lixo” foi publicada nos Classificados de “O Regional”, datada de 12/10/1998. No entanto, a primeira reunião entre os membros do Poder Executivo e a Cáritas Diocesana de São José do Rio Preto, para assinatura do convênio, foi somente no ano de 1999, mais precisamente no mês de fevereiro, conforme foto publicada na página 06-2 do jornal *O Regional*. O Projeto “Luxo do Lixo” fez parte do

Programa de Geração de Emprego e Renda do governo municipal de Catanduva, na gestão do Prefeito Félix Sahão Júnior, do Partido dos Trabalhadores (PT).

A parceria inicial prevê o recolhimento e coleta dos resíduos recicláveis por parte da Associação que levaria até o barracão da Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (CEAGESP), onde estariam as máquinas para prensa de resíduos sólidos e equipamentos. A Cáritas tem contrato de cinco anos, fornecendo as máquinas necessárias e conhecimento sobre o desenvolvimento do trabalho. A empresa de coleta de resíduos sólidos também se dispôs a auxiliar, inicialmente, o recolhimento de resíduos recicláveis em alguns bairros da cidade.



**Figura 04** – Primeira Reunião entre representantes Cáritas e Prefeitura Municipal.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

O Projeto “Luxo do Lixo”, em razão da função social e ambiental que exerce, sempre despertou a atenção da mídia e, antes mesmo do seu lançamento, já recebia atenção dos órgãos de imprensa do município de Catanduva.



**Figura 05** – Reportagem sobre inauguração do projeto “Luxo do Lixo”.  
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A data oficial do lançamento do Projeto “Luxo do Lixo” foi prevista para o dia 11 de junho do ano de 1999, entretanto, como o convidado especial Dom Orani João Tempesta – que ocupava o cargo de Bispo Diocesano na Diocese de São José do Rio Preto, cidade localizada a cerca de 440 quilômetros da capital paulista – não pode comparecer, a data foi remarcada para o dia 23 do mesmo mês, conforme reportagem datada à época.



**Figura 06** – Jornal destaca visita do Bispo D. Orani em Catanduva.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

Após a mudança de data, o Projeto “Luxo do Lixo” foi oficialmente inaugurado no dia 23 de junho do ano de 1999. A inauguração foi bastante concorrida e recebeu destaque de toda imprensa.



**Figura 07** – Jornal destaca inauguração oficial do Projeto “Luxo do Lixo”.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.



**Figura 08** – Anúncio convida população para lançamento do Projeto “Luxo do Lixo”  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

Após o lançamento oficial do Projeto “Luxo do Lixo” a imprensa escrita do Município também concedeu destaque para o evento ocorrido no dia anterior, que contou com a presença do Bispo da Diocese de São José do Rio Preto, D. Orani, do prefeito municipal, Félix Sahão Júnior e demais autoridades.



**Figura 09** – Reportagem destaca apresentação do Projeto “Luxo do Lixo”.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

O Projeto “Luxo do Lixo” também passou a ser destaque nos canais de televisão regionais, em especial na TV Record.



**Figura 10** – Projeto é destaque na TV Record.

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Importante ressaltar que, o Projeto “Luxo do Lixo” passou por sérias dificuldades a ponto de deixar de funcionar como cooperativa, vindo a ganhar força e novos estímulos depois que, sob a direção do Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, a Associação “Pão Nosso” assumiu a iniciativa e acreditou que investir no “Luxo do Lixo” seria uma forma de aliar sustentabilidade ambiental e assistência social.



**Figura 11** – Jornal destaca nova coordenação do Projeto “Luxo do Lixo”.

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

No primeiro ano desta nova fase do Projeto Luxo do Lixo, ou seja, em 2009 foram criadas 15 novas vagas de emprego, totalizando 23 trabalhadores que recebem anotação de registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), além de uma cesta básica mensal. Também foram realizados vários investimentos novos, tais como: compra de veículo para coleta do material reciclável, manutenção em todos os equipamentos de produção e reforma geral do veículo cedido pela Cáritas Diocesana.

O Projeto “Luxo do Lixo” tem sede de funcionamento localizada à Rua São Paulo, nº 888, na cidade de Catanduva, estado de São Paulo.

Foi realizado um convênio assinado em forma de contrato de parceria entre: o Município de Catanduva, que auxilia com uma subvenção mensal de R\$8.000,00(Oito mil reais); a Cáritas Diocesana de Catanduva; e a Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”.

O Projeto “Luxo do Lixo” funciona de segunda à sexta-feira, no período da manhã das 7h às 11h e no período vespertino das 12h12min às 17h, com intervalo de 1 hora e 12 minutos para almoço.

Os trabalhadores engajados no Projeto, desde o tempo da Cooperativa, também foram registrados pela Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”, que passou a fornecer uniformes, equipamentos de proteção individuais e treinamentos sobre segurança e higiene do trabalho. Os trabalhadores têm o acompanhamento de uma empresa especializada em segurança preventiva de trabalho, denominada Instituto de Medicina e Segurança do Trabalho SC Ltda. (INSMED – Catanduva). Segundo Padre Osvaldo de Oliveira Rosa (2011), “a empresa oferece cursos de capacitação, palestras incluindo autoestima, apoio médico e assistente social. A Faculdade de Tecnologia de São Paulo (FATEC), com uma unidade em Catanduva, realizou com o Projeto “Luxo do Lixo” um curso de liderança aos trabalhadores, o que engrandece o trabalho”.

Além do Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, o Projeto “Luxo do Lixo” conta com a coordenadora de produção Sônia Moreira e com o coordenador Enderson Gomes.

Atualmente, o Projeto possui 33 trabalhadores registrados, sendo que: 28 estão diretamente ligados à coleta, separação e prensa do material coletado; 2 são coordenadores e 3 são motoristas contratados.

De acordo com, Padre Osvaldo de Oliveira Rosa (2011), “o objetivo do Projeto “Luxo do Lixo” é empregar e resgatar pessoas que estão passando por dificuldades e fora do mercado de trabalho, ou seja, que não tiveram oportunidades”.

Os trabalhadores realizam, diariamente, na sede do Projeto “Luxo do Lixo”, uma oração antes do início dos trabalhos e recebem apoio espiritual do Padre Osvaldo de Oliveira Rosa sobre assuntos pessoais. Durante a última semana do mês é realizada uma confraternização de aniversário para os trabalhadores aniversariantes do mês.



**Figura 12** – Trabalhadores participam de missa na sede do Projeto “Luxo do Lixo”.  
**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

Neste contexto, o projeto vem alinhando-se aos pilares básicos de sustentação, o primeiro no que diz respeito ao meio ambiente e o segundo, refere-se à busca e ao resgate de trabalhadores, num contexto social de reinserção ao mercado de trabalho.

### 3.2.1 – Sustentabilidade.

Atualmente, o Projeto “Luxo do Lixo” tem se mantido autossustentável, ou seja, tudo o que tem sido vendido somado à subvenção do Município, é o suficiente para o

pagamento de todos os trabalhadores. Estas informações foram fornecidas pelo próprio coordenador Padre Osvaldo de Oliveira Rosa.

Vale ressaltar que, coube à Associação “Pão nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo” a iniciativa em financiar o Projeto, ao fazer um investimento inicial de R\$80.000,00 (oitenta mil reais) para a compra e reforma de maquinários e veículos.

O convênio firmado entre o Município e a Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”, também prevê uma subvenção mensal de R\$8.000,00 (oito mil reais) para o Projeto “Luxo do Lixo”, o que garante o pagamento de algumas despesas.

A matéria-prima, principal fonte de renda do Projeto “Luxo do Lixo”, é coletada entre as empresas parceiras, comércio em geral, algumas escolas da cidade (através de programas que recebem apoio da Prefeitura Municipal) e população em geral, que mantêm contato através de agendamento. Existem também dois pontos fixos de coleta, próximos às duas lojas do Supermercado *Maranhão*. Este parceiro cede o local e também todos os tipos de resíduos sólidos recicláveis, que são descartados de embalagens e produtos em geral.

O Projeto “Luxo do Lixo” possui 3 veículos de coleta e 2 máquinas para prensa de resíduos sólidos recicláveis. Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, explica sua opção por um Projeto e não por Cooperativa: “visitei várias cooperativas de reciclagem e a opção por Projeto é mais viável e cresce em qualidade, pois no sistema de cooperativa existe uma grande dificuldade em avançar e também existem muitas discussões entre os cooperados, uns entendem que os outros trabalham menos. Já no Projeto “Luxo do Lixo”, todos têm direitos, mas se um trabalhador não exercer corretamente a sua função, outro pode substituí-lo”.

O custo mensal de um trabalhador no Projeto “Luxo do Lixo” é de, aproximadamente, R\$ 1.024,53 (um mil e vinte e quatro reais e cinquenta e três centavos). O salário médio é de R\$625,00 (seiscentos e vinte e cinco reais), tributos em torno de R\$ 200,00 (duzentos reais), acrescido de décimo terceiro salário, férias mais 1/3 (um terço) constitucional e uma cesta básica.

A principal dificuldade apontada refere-se à questão que envolve o baixo preço pago pela matéria-prima coletada e a instabilidade de preços praticados no mercado.

Faz-se necessário destacar que, o potencial de crescimento e de admissão de trabalhadores no Projeto “Luxo do Lixo” pode ser ainda maior se a Prefeitura Municipal e a Empresa de coleta de resíduos sólidos adotarem, no município de Catanduva, a coleta

seletiva entre as residências da cidade. Este programa de coleta seletiva não é realizado atualmente.

O site Portal Brasil (2011), aponta que “a média diária de resíduos sólidos produzida por cada brasileiro, aproxima-se de 1 quilo”. Neste sentido, uma cidade de aproximadamente 120 mil habitantes, como é o caso do município de Catanduva, teria potencial suficiente para mais que triplicar a reciclagem de resíduos sólidos e gerar um volume satisfatório de renda e empregos.

O Projeto “Luxo do Lixo”, através dos trabalhadores, têm participação em recolhimento de resíduos sólidos recicláveis nos eventos e feiras realizados no Município.

### 3.3 – ASSOCIAÇÃO PÃO NOSSO – OBRAS SOCIAIS PADRE OSVALDO.

A Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”, é uma entidade sem fins lucrativos, devidamente qualificada e registrada nos órgãos competentes de direito, tendo recebido sua qualificação e autorização para funcionamento, em agosto de 2003. A Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”, localizada à Rua São Leopoldo, 70/77, Loteamento Bom Pastor, na cidade de Catanduva - SP, há aproximadamente 380 quilômetros da capital paulista, tem como Presidente: Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, que também é pároco da Paróquia “Imaculada Conceição”, localizada no mesmo endereço. Nesse local, Padre Osvaldo realiza um trabalho social muito extenso, oferecendo apoio e suporte à comunidade do bairro, levando aos trabalhadores e às pessoas pobres da comunidade, garantia de direito à cidadania e à inclusão social.

A Associação “Pão Nosso – Obras Sociais Padre Osvaldo”, coordena 14 projetos que envolvem a comunidade, dentre eles: Banco de Empregos (BEIC), Casa Samaritana, Comunidade Emaús, Escolinha de Futebol Padre Osvaldo, Lar Bom Samaritano, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON), Projeto “Criança Saudável”, Projeto “Legumes na Mesa”, Projeto “Luxo do Lixo”, Projeto “Maná”, Projeto “Núcleo de Práticas Jurídicas”, Projeto “Recuperando a Saúde – Farmácia Comunitária” e Projeto “Seja Bem-Vindo”. Projetos esses que serão apresentados nos intertítulos abaixo, com exceção do Projeto

“Luxo do Lixo” que ganhará tópico especial. Todas as referências têm como fonte de pesquisa o sítio na Internet da Paróquia Imaculada Conceição.

### 3.3.1 – Banco de Empregos.

Acolhimento e cadastro de pessoas desempregadas em busca de uma oportunidade de trabalho. Este é o objetivo do Banco de Empregos Imaculada Conceição (BEIC), que funciona todos os sábados, das 14h às 16h, nas dependências do escritório paroquial, situado a Rua São Leopoldo, nº 70 - Loteamento Bom Pastor – Catanduva, Estado de São Paulo. Um grupo de voluntários atua no BEIC, atendendo cerca de 30 pessoas todos os sábados. Várias empresas privadas já têm no BEIC um meio de conseguir pessoas para trabalhar em suas dependências.

### 3.3.2 – Casa Samaritana.

A “Casa Samaritana” é uma casa terapêutica para mulheres portadoras de dependência química. Inaugurada para o acolhimento e orientação, no dia 09 de outubro de 2006, segue os mesmos princípios do “Lar Bom Samaritano”. As internações tiveram início no dia 08 de março, dia internacional da mulher e a estrutura da Entidade oferece capacidade de acolhimento para 22 mulheres. O período de internação é definido a partir da necessidade de cada pessoa, sendo no máximo: 2 ciclos de 12 passos, que representam 24 semanas. A Casa possui 10 voluntários e 3 funcionárias que auxiliam na prestação dos serviços.

### 3.3.3 – Comunidade Emaús.

A Comunidade Emaús é uma casa terapêutica para tratamento de Drogactidos masculinos. Atualmente, 4 funcionários respondem pelo atendimento dos 28 internos. A Comunidade Emaús foi inaugurada no dia 31 de julho de 2006. O atendimento é totalmente gratuito e mantido pela Associação “Pão Nosso - Obras Sociais Padre Osvaldo”, com a colaboração da sociedade e da venda de frutas e verduras produzidas na horta e plantações da Comunidade Emaús. Trabalho este que, inclusive, faz parte do tratamento dos internos.

#### 3.3.4 – Escolinha de Futebol Padre Osvaldo.

Os assistidos são treinados por um grupo de voluntários. Estão na escolinha meninos que têm idade entre 06 e 15 anos, divididos em grupos de mesma faixa etária. Os treinos acontecem no campo de futebol da Casa Terapêutica “Lar Bom Samaritano”.

#### 3.3.5 – Lar Bom Samaritano.

O “Lar Bom Samaritano” é uma casa terapêutica, masculina, dedicada à recuperação de pessoas portadoras de dependência química, ou seja, diversos tipos de drogas. As atividades tiveram início no dia 06 de março de 2005. Naquela época, o Lar tinha capacidade para acolher 4 pessoas. Hoje, apresenta capacidade para 24 pessoas. São 24 semanas de tratamento. Trabalham na obra: 20 voluntários e 4 funcionários. O “Lar Bom Samaritano” é mantido pela Associação “Pão Nosso - Obras Sociais Padre Osvaldo”, com ajuda de terceiros e da sociedade em geral.

#### 3.3.6 – Programa de Erradicação de Trabalho Infantil.

O Programa de Erradicação de Trabalho Infantil (PETI), em parceria com a Associação “Pão Nosso - Obras Sociais Padre Osvaldo”, abraçou esta importante luta e atende 80 crianças de 8 a 12 anos, no período em que estão fora da escola. O Programa funciona durante o ano letivo, por meio de uma parceria firmada entre Governo Federal, Prefeitura Municipal e Associação “Pão Nosso” e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS). As crianças realizam atividades educativas, lúdicas, lazer e esporte.

#### 3.3.7 – PROCON

A Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor (PROCON) trabalha na proteção e defesa dos consumidores do Estado de São Paulo. O PROCON realiza atividades como: educação para o consumo; recebimento e processamento de reclamações administrativas, individuais e coletivas, contra fornecedores de bens ou serviços; orientação aos consumidores e fornecedores, acerca de seus direitos e obrigações nas relações de consumo; fiscalização do mercado consumidor, para fazer cumprir as determinações da legislação de defesa do consumidor; acompanhamento e propositura de

ações judiciais coletivas; estudos e acompanhamento de legislação nacional e internacional, bem como de decisões judiciais referentes aos direitos do consumidor; pesquisas qualitativas e quantitativas, na área de defesa do consumidor; suporte técnico para a implantação de PROCONs municipais conveniados; intercâmbio técnico com entidades oficiais, organizações privadas e outros órgãos envolvidos com a defesa do consumidor, inclusive internacionais; disponibilização de uma Ouvidoria para o recebimento, encaminhamento de críticas, sugestões ou elogios feitos por cidadãos, quanto aos serviços prestados pela Fundação PROCON, com o objetivo de melhoria contínua desses serviços.

### 3.3.8 – Projeto Criança Saudável.

Um total de 200 crianças de 0 a 6 anos é atendido pela Pastoral da Criança da Paróquia “Imaculada Conceição”. As crianças recebem o farelo multimistura, que é composto por farelo de arroz, trigo, casca de ovos e folha de mandioca. Trata-se de uma composição com vitaminas que tem ajudado as crianças desnutridas a recuperar a saúde. As famílias recebem o acompanhamento domiciliar dos líderes e de 40 voluntários da Pastoral. Mensalmente, a Igreja reúne as famílias e as crianças para a cerimônia intitulada “Celebração da Vida”.

### 3.3.9 – Projeto Legumes na Mesa.

Outro importante Projeto Social, que busca a segurança alimentar e nutricional da comunidade. Este projeto denomina-se: “Legumes na Mesa”. Todas as segundas-feiras sacolas de legumes, frutas e verduras doadas por comerciantes, são entregues a cerca de 100 famílias da comunidade por 15 voluntários que estão à frente do Projeto. Este Projeto está localizado na Paróquia Imaculada Conceição.

### 3.3.10 – Projeto Maná.

O Projeto “Maná” consiste na doação de alimentos para 90 famílias empobrecidas, pertencentes a bairros que circundam a Paróquia “Imaculada Conceição”, cujo pároco, como já destacado em outros momentos de nosso trabalho, é o Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, no município de Catanduva. Todas estas famílias foram cadastradas e recebem, mensalmente, uma cesta básica de alimentos. Mais de 360 pessoas são

beneficiadas pelo projeto Maná, cujas famílias recebem gratuitamente estes alimentos. Ele é composto por uma equipe de 25 pessoas, todos voluntários e mais 80 famílias doam kits de alimentos e participam diretamente do projeto.

#### 3.3.11 – Projeto Núcleo de Práticas Jurídicas.

Advogados, professores de Direito e alunos do Curso de Direito das Faculdades Integradas Padre Albino (FIPA) asseguram assistência jurídica gratuita para toda Comunidade. Todos os meses, cerca de 40 pessoas são atendidas no local.

#### 3.3.12 – Projeto Recuperando a Saúde – Farmácia Comunitária.

A “Farmácia Imaculada” promove a ação “Recuperando a Saúde”, com a doação de remédio gratuito com receita e sob orientação médica, para cerca de 250 pessoas todos os meses; 6 voluntários com experiência de Farmácia ou enfermagem estão diretamente ligados a esta ação que se mantém através de doações.

#### 3.3.13 – Projeto Seja Bem Vindo.

O Projeto “Seja Bem Vindo” assegura o acompanhamento à mulheres gestantes, preparando a chegada de uma nova vida. Durante a gestação, as futuras mães recebem o acolhimento e orientação, além de participarem de oficinas de artesanato e confecção de enxoval. Desenvolvido por 4 voluntárias, o projeto “Seja Bem Vindo” atende todas as quintas-feiras.

#### 3.3.14 – Projeto Sopa na Mesa.

O Projeto “Sopa na Mesa” faz a distribuição de refeição semanal (sopão) a pessoas menos favorecidas. Todas as terças-feiras são atendidas uma média de 100 pessoas, com a participação efetiva de 10 voluntários.

O próximo capítulo destaca a pesquisa com os trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”. Histórias de vidas e dados sociais, para conhecer a realidade destes trabalhadores, é alvo deste estudo.

## 4 – A FALA DOS TRABALHADORES.

*"Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".*

*Paulo Freire, 1921-1997*

Neste capítulo apresento o relato de uma amostra de trabalhadores envolvidos no Projeto “Luxo do Lixo” e um conjunto de entrevistas sobre a história de vida de cada um deles. Depoimentos que constituem a trajetória de vida e experiências próprias vividas e partilhadas.

As entrevistas deram oportunidade para que estes trabalhadores pudessem falar sobre si mesmos, sobre como eles encaram a sociedade e sobre a visão que têm de sua participação como indivíduos. Em sua versão transcrita, apresentam elementos básicos para a compreensão do agir – pensar – sentir dos trabalhadores.

### 4.1 – A FALA DOS TRABALHADORES: HOMENS E MULHERES DO PROJETO “LUXO DO LIXO”.

Neste trabalho de campo, realizado com os trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” no próprio barracão do café, local de funcionamento do Projeto, os entrevistados foram homens e mulheres, com idade entre 23 e 57 anos. Entre eles haviam pessoas casadas, solteiras, separadas e divorciadas, em sua maioria professantes da fé católica e evangélica, tendo como estado de origem São Paulo.

A partir dos depoimentos dos entrevistados, que fazem parte deste estudo de caso – depoimentos estes que podem ser considerados como livres, espontâneos e simples - a busca será compreender a maneira como esses trabalhadores vivem e fazem do Projeto “Luxo do Lixo” um recomeço e um novo caminhar em suas vidas, vidas marcadas profundamente por sofrimentos, decepções e baixas relacionadas ao consumo de álcool e drogas.

Antes de dar voz a estes trabalhadores, foram retratados – através de uma avaliação quantitativa dos questionários aplicados aos 28 trabalhadores – alguns traços de suas formas de ser e viver.

O Projeto “Luxo do Lixo” é composto por 28 trabalhadores, 11 homens (40%) e 17 mulheres (60%). Entre os homens entrevistados, 1 respondeu como opção sexual ser homossexual e o outro bissexual. As respostas foram analisadas por gênero para verificar se, neste caso, existem diferenças significativas das respostas.

Entre o gênero masculino a maioria, ou seja, 8 trabalhadores, são praticantes da religião Católica; apenas 2 trabalhadores declararam ser evangélicos, pertencentes às respectivas Igrejas: “Assembleia de Deus” e “Deus é Amor”; e 1 trabalhador disse ser espírita Kardecista. Entre o gênero feminino, 8 mulheres são católicas, 8 evangélicas e 1 não informou a religião. Entre as mulheres evangélicas, 5 pertencem à denominação “Assembleia de Deus”, 2 à Igreja “Deus é Amor” e apenas 1 à Igreja “Universal do Reino de Deus”.

No gênero masculino, 5 trabalhadores pertencem à faixa etária que varia entre 41 e 50 anos, enquanto que no gênero feminino 9 trabalhadoras entrevistadas pertencem à faixa etária que varia entre 41 e 50 anos. No entanto, percebe-se uma ligeira diferença de idade que se revela superior no gênero masculino, sobrepondo-se ao gênero feminino.

A escolaridade declarada, entre os trabalhadores, pareceu retratar a realidade; no gênero feminino, 2 trabalhadoras responderam que são analfabetas, mas souberam escrever seus nomes.

No caso do estado civil, entre os trabalhadores do gênero masculino, 5 disseram ser solteiros, o correspondente a 46% e apenas 2 trabalhadores declararam ser separados. Enquanto que, no gênero feminino, 10 trabalhadoras responderam que são solteiras, o correspondente a 59% e apenas 4 trabalhadoras responderam ser amasiadas, divorciadas ou separadas.

Entre os trabalhadores do gênero masculino, a televisão é a principal fonte de informação, o que corresponde a quase 90% dos entrevistados. No gênero feminino, 16 trabalhadoras responderam que a principal fonte é a televisão e somente 1 trabalhadora declarou receber suas informações via rádio. Quanto ao Estado de origem, entre os trabalhadores do gênero masculino, 10 entrevistados, o correspondente a 91%, responderam ser de cidades do Estado de São Paulo, dentre elas: Catanduva, Taquaritinga, Urupês, Cotia e Capital do estado de São Paulo. Apenas 1 trabalhador respondeu ser do estado do Paraná. Quanto ao gênero feminino, 16 trabalhadoras responderam ter como lugar de origem alguma cidade do Estado de São Paulo, dentre elas: Catanduva, Novais, Olímpia, Itajobi, Pindorama, Presidente Prudente, Severínia e Tanabi, o que corresponde a 94% das entrevistadas. Apenas 1 trabalhadora respondeu ser do estado da Bahia.

No quesito time de futebol, entre os trabalhadores do gênero masculino, o Sport Clube Corinthians Paulista vem empatado apenas com trabalhadores que não torcem

por time algum, com 27% cada, o que corresponde ao total de 6 trabalhadores. Enquanto que, entre o gênero feminino, 10 trabalhadoras responderam com entusiasmo que o time de preferência também é o Sport Clube Corinthians Paulista, o que corresponde a 59%.

Entre os trabalhadores do gênero masculino, quando perguntados sobre a origem do primeiro trabalho, 9 trabalhadores responderam que foi na zona urbana, o que corresponde a 82%. Já, entre as mulheres, 10 trabalhadoras responderam que iniciaram as suas atividades na zona rural, o que corresponde a 59%. Neste contexto, há uma diferença significativa e diversa entre os gêneros entrevistados.

No caso da internação nas clínicas de recuperação das “Obras Sociais - Padre Osvaldo”, entre os trabalhadores do gênero masculino, 4 responderam que já estiverem em tratamento, o que corresponde a 36%. Entre as trabalhadoras, a maioria absoluta respondeu que nunca esteve internada, o que corresponde a 100% das entrevistadas.

Quando perguntados se já fizeram ou fazem uso de algum tipo de bebida alcoólica, entre o gênero masculino, 8 trabalhadores responderam que sim, o que corresponde a 72%. Enquanto que no gênero feminino, apenas 5 trabalhadoras responderam que já fizeram ou fazem uso de bebida alcoólica, o que corresponde a 30% das entrevistadas.

Quanto ao uso de drogas, quando perguntados se já fizeram ou fazem: entre os trabalhadores, 6 responderam que não, o que corresponde a 55%. Enquanto que, no gênero feminino, apenas 1 trabalhadora respondeu que já fez ou faz uso, o que corresponde a apenas 6% das entrevistadas.

#### 4.2 – TRAJETÓRIAS SOCIAIS.

Este trabalho trata de alguns aspectos significativos, relacionados à construção das trajetórias ocupacionais dos entrevistados, ocupações essas desenvolvidas desde a entrada no mercado de trabalho, passando pela qualificação profissional, dificuldades enfrentadas na conquista de um trabalho, seus vícios e a reconstrução de suas vidas através do Projeto “Luxo do Lixo”. O amplo conjunto de informações, obtidas por meio de depoimentos e relatos orais em torno do trabalho e da família, permitiu analisar alguns elementos constitutivos das trajetórias ocupacionais e familiares, articulados a processos sociais presentes na sociedade brasileira.

Neste sentido, foi criada uma tabela com o perfil dos trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”.

**Tabela 2** – Perfil dos Trabalhadores.

NOMES	SEXO	IDADE	ESTADO CIVIL	ESTADO ORIGEM	FILHOS	RELIGIÃO	JÁ ESTEVE INTERNADO	TEMPO NO PROJETO
S.N.	M	54	Separado	SP	3	Católica	Sim	2 anos
O.N	F	43	Solteira	SP	1	Evangélica	Não	8 meses
J.R.	F	45	Solteira	BA	7	Católica	Não	5 meses
L.F	M	30	Solteiro	SP	0	Católica	Sim	1mês
C.S.	F	34	Solteira	SP	3	Católica	Não	8 anos
M.H.	F	47	Casada	SP	4	Evangélica	Não	1ano 4m.
S.M.	M	60	Casado	SP	1	Espírita	Não	5 meses
I.P.	F	44	Solteira	SP	2	Católica	Não	4 meses
P.O.	F	24	Solteira	SP	4	Católica	Não	1ano
D.B.	F	43	Separada	SP	2	Evangélica	Não	4 meses
L.P.	F	47	Casada	SP	7	Evangélica	Não	3 meses
I.C.S	F	28	Solteira	SP	4	Católica	Não	1 ano
J.C.S	M	47	Solteiro	SP	0	Católica	Não	1ano 6m.
L.M.	F	28	Amasiada	SP	2	NãoInform.	Não	4 meses
J.S.	M	50	Casado	SP	4	Católica	Não	4 meses
R.M.S.	F	46	Desquitada	SP	3	Católica	Não	2anos 1m.
V.V.T.	M	50	Separado	SP	3	Católica	Não	3 meses
Z.A.C.	F	46	Solteira	SP	2	Católica	Não	8 meses
M.J.P.	M	26	Casado	SP	0	Evangélica	Não	2 anos
J.A.	F	24	Solteira	SP	2	Evangélica	Não	1 ano
V.O.	F	48	Solteira	SP	7	Evangélica	Não	2 meses
L.A.S.	F	37	Casada	SP	3	Evangélica	Não	9 anos
L.P.	F	29	Amasiada	SP	3	Católica	Não	2 anos
M.A.R	F	25	Solteira	SP	0	Evangélica	Não	1ano 6m.
R.C.N.	M	43	Casado	SP	1	Católica	Não	1ano1m.
I.B.	M	57	Solteiro	PR	0	Católica	Não	5 meses
M.C.R.	M	41	Solteiro	SP	0	Evangélica	Sim	8 meses
C.R.S.	M	23	Solteiro	SP	0	Católica	Sim	1 ano

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

Os dados deste estudo apresentam vidas de muito trabalho. Dos entrevistados, tanto o gênero masculino, quanto o gênero feminino começaram a trabalhar, em sua maioria, na infância. A zona rural representa uma parcela significativa dos entrevistados, em geral nas lavouras de subsistência da família ou ajudando nos serviços da roça de pais ou avós, onde permaneceram nessas ocupações por cerca de 7 a 10 anos.

Sobre os trabalhadores que iniciaram suas atividades de trabalho nas cidades, dentre as respostas verificou-se que, em sua maioria, começaram: como empregadas domésticas, quando se trata do gênero feminino; e na indústria ou comércio, quando se trata do gênero masculino.

Da análise do conjunto das trajetórias ocupacionais, pode-se inferir duas ordens de questões. A primeira individual – diz respeito a como cada um, ao longo dos anos, veio perdendo oportunidades de trabalho, tendo em vista seu tipo de: formação, experiência profissional e até mesmo o contato com vícios. A segunda, de ordem mais geral – avalia que todos, sem distinção, têm no mercado as mesmas oportunidades precárias de trabalho, com forte rebaixamento salarial. Não há diferenciação para os mais velhos e mais novos e nem mesmo é levada em conta a formação ou a experiência profissional desenvolvida ao longo dos anos.

O nível de educação escolar sinaliza que, embora a resposta tenha sido satisfatória, apenas 6 trabalhadores entre o gênero masculino e feminino possuem até o terceiro colegial; os demais trabalhadores possuem até a 8ª série, do chamado primeiro grau. O baixo nível educacional é um obstáculo para a inserção no programa de modernidade do mercado de trabalho, onde se faz necessária a utilização de máquinas e equipamentos que requerem leitura e interpretação de manuais.

A quantidade de filhos, entre os trabalhadores do gênero masculino, varia de 2,4 por casal. Enquanto que a quantidade de filhos, entre as trabalhadoras do gênero feminino, varia de 3,5 por casal. No entanto, 3 trabalhadoras declararam durante a entrevista, ter 7 filhos, enquanto que 3 trabalhadoras também declararam possuir 4 filhos cada.

Quando perguntados sobre o que fazem nas horas vagas, as respostas foram as mais variadas possíveis. Dentre o gênero masculino, 2 trabalhadores responderam que executam pequenos reparos em suas casas, outros que gostam de caminhar, descansar e até ir visitar parentes. Dentre o gênero feminino, 4 trabalhadoras responderam que preferem

cuidar dos filhos nas horas vagas, outras responderam que participam de bailes, festas com amigas, fazem bordado e até a leitura da bíblia.

Na fala dos trabalhadores em geral, registro o otimismo e a esperança com relação ao futuro, à conquista de direitos e à melhoria econômica através do Projeto “Luxo do Lixo”. A organização e a reestruturação do Projeto “Luxo do Lixo”, favoreceu a conquista do direito mínimo de acesso aos documentos e à profissionalização, já que o Projeto conta com uma empresa que iniciou seus trabalhos técnicos na área da segurança do trabalho e o apoio espiritual coordenado por Padre Osvaldo de Oliveira Rosa.

Todos os trabalhadores entrevistados relataram que estão satisfeitos com o serviço que exercem junto ao projeto e quando perguntados qual nota de 0 a 10 atribuem ao Projeto “Luxo do Lixo”, apenas 1 trabalhador disse nota 8, os demais atribuíram nota 10. O trabalhador que atribuiu a nota 8, disse não se conformar com sua situação pessoal, já que exerceu profissão de bancário, e hoje estava trabalhando com resíduos.

O coordenador geral do Projeto “Luxo do Lixo”, disse que o trabalho de recolhimento e venda dos resíduos sólidos passa por um momento de crise, devido à queda dos preços.

Os empresários, desde os donos de um pequeno mercantil aos donos de rede de supermercado, comerciantes, parceiros e algumas escolas, têm auxiliado e contribuído com o Projeto “Luxo do Lixo”, no sentido de fornecimento da matéria-prima principal, ou seja, dos resíduos sólidos.

Nas entrevistas foram identificados vários baixos indicadores das condições de vida destes trabalhadores: falta de oportunidades, desigualdade social e dramas familiares. Alguns trabalhadores se encontram com profundos problemas financeiros e condições precárias de moradia. Mas, a organização e a nova oportunidade no Projeto “Luxo do Lixo”, têm demonstrado ser um caminho possível para a superação da exclusão e construção da cidadania.

#### 4.3 - TRAJETÓRIAS INDIVIDUAIS.

São várias histórias. Histórias de vida de trabalhadores que se diferenciam ao mesmo tempo em que se aproximam. Existem resistências e desistências nessas histórias contadas.

Histórias significativas de perdas e drásticas rupturas ligadas a separações, sentimentos, abandono familiar, problemas com alcoolismo e entorpecentes ilícitos, que provocam desespero e solidão. Experiências de luta, por uma vida melhor para si e para a família, são vividas a cada dia dando um novo sentido à vida, que sempre pareceu ameaçada pela incerteza do amanhã.

Vivem como se estivessem diante de um abismo entre um mundo de recordações e desejo de vida melhor. Um doloroso e inesquecível processo de perdas sentimentais, de emprego, de vínculos familiares e sociais, de auto-estima e de equilíbrio psíquico, mas que acima de tudo parecem estar renovando suas esperanças por estarem trabalhando num Projeto que, de certa maneira, busca reconstruir a nova identidade dos trabalhadores.

Parafraseando o sociólogo polonês BAUMAN (2005), as histórias ajudam as pessoas em busca do entendimento, separando o relevante do irrelevante, as ações de seus ambientes, a trama de seus antecedentes e os heróis ou vilões que se encontram no centro do roteiro dos hostes de excedentes e simulacros. Sendo assim, trazemos para o presente trabalho, histórias que cotidianamente marcam a identidade dos trabalhadores no Projeto Luxo do Lixo.



**Figura 13** – Parte dos Trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”, e a mascote da turma, a gatinha Nina.

**Fonte:** Pesquisa de campo, 2011.

### Mateus

*“Trabalhar na rua não é muito bom também não, às vezes eles viam a gente que ia trabalhar, achavam que a gente ia roubar, que a gente era ladrão, que estava usando droga, que o dinheiro era pra droga. Que a gente não precisa não”.*

Mateus convive com a sua companheira e dois enteados, que se chamam Bruno e Helena. Nasceu na cidade de Catanduva, interior do Estado de São Paulo. Começou a trabalhar na roça com treze anos de idade e o serviço era bastante “puxado”, de sol a sol, ganhava pouco e sofria muito. Entre as maiores dificuldades que passou, durante o período que trabalhou na lavoura de café e laranja, foi quando quebrou o pé e outra vez quando quebrou a perna. Nesta época sempre morou com os pais e o irmão.

Quando deixou de trabalhar como lavrador, foi nas ruas da cidade de Catanduva que passou a recolher material reciclável – termo este mais conhecido na linguagem dos catadores e trabalhadores – e por quase 10 anos essa foi sua principal atividade e fonte de renda.

Das ruas, no tempo em que recolhia reciclável, Mateus não guarda boas lembranças, aliás, durante a entrevista ao ser perguntado sobre esse assunto demonstrou revolta, principalmente por ser muito discriminado e também humilhado pela população em geral.

*“A maioria das pessoas achava que o catador não precisava recolher reciclável, que aquilo seria vendido para comprar droga. Alguns até colaboram com a gente, mas têm outros, aliás, a maioria não”.*

Mateus aponta que os principais motivos, que o levaram a trabalhar com reciclável, foram: a dificuldade em conseguir um emprego com Carteira registrada e a falta de estudo e capacitação.

Foi com o passar do tempo e o baixo valor pago pela indústria da reciclagem, que optou por deixar as ruas e viver de pequenos trabalhos ocasionais, como servente de pedreiro.

Em 2002, conseguiu um emprego, na então denominada cooperativa de material reciclável “Luxo do Lixo”, como os salários atrasavam muito e a jornada de trabalho era estendida até por volta das dez e meia da noite, optou por voltar às ruas.

Foi nesse período que deixou a cooperativa e, devido à dificuldade financeira, começou a se envolver com entorpecentes. Influenciado pelo que considera “*má influência dos amigos*”, fez uso do crack por cerca de 5 anos. Como não tinha dinheiro para comprar, resolveu “*trabalhar*” na venda e entrega de entorpecentes; também vivia da prática de pequenos furtos para “*manter o vício*”, até que “*caiu*” e foi preso pela polícia, o que considera “*uma fase bastante ruim*”.

Preso no Centro de Detenção Provisória (CDP), da cidade de São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo, se sentiu abandonado pelos antigos “*patrões*” do tráfico.

*“Tinha amigos entre aspas né, porque nessas horas difíceis do mundo some né. Nas horas ruins não tem ninguém não. Cadeia é ruim para caramba, só vendo pra crer mesmo”.*

A relação com a família, em especial a mãe, não foi nada boa. Alega que quando recebia visitas da mãe, ela: *“só ia para falar mal”*. Sendo assim, por determinação dos demais detentos não pode mais recebê-la, ficando por quase 1 ano sem ver ninguém. A mãe só enviava alimentos ou outros produtos de higiene pessoal através de familiares e colegas de outros presos.

Embora pudesse contar com a boa vontade dos familiares dos outros presos, considera que a relação com os demais presos não era fácil, sendo bem complicada, uma vez que se deve respeitar o que é limitado e estabelecido dentro da prisão. Qualquer pessoa que venha aprontar qualquer coisa lá dentro, não *“vai sair vivo”*.

*“Tem muita coisa ruim, um matando o outro, matando pessoa envenenada. É uma coisa triste né”*.

Foi após esse período que seu irmão, contando com o trabalho profissional de um advogado, conseguiu através de pedido judicial fazer com que Mateus ganhasse a liberdade das ruas, caso contrário teria que cumprir um período de 4 anos preso.

Quando ganhou a liberdade, foi trabalhar na rua e contou novamente com o apoio do irmão, que lhe emprestou uma carroça para que iniciasse a coleta de material reciclável. Passado algum tempo, auxiliou um rapaz como servente de construção por 2 meses, após a entrega da obra procurou o Padre Osvaldo e voltou a trabalhar novamente no Projeto “Luxo do Lixo”, foi quando *“teve uma oportunidade para dar uma melhorada”*.

Durante a conversa, comparou o tempo em que trabalhava na cooperativa “Luxo do Lixo”, que era mantida em sistema de cooperados, podendo demorar até 40 ou 50 dias para receber a sua parte. Quando o Padre Osvaldo assumiu a coordenação do Projeto “Luxo do Lixo”, Mateus considera que *“melhorou 100%, agora o dinheiro vem certinho, não atrasa nenhum mês ou dia, inclusive com direito à férias, 13º salário”*, como manda o figurino de um emprego normal. Recebe um salário de R\$800,00 (oitocentos reais) e pretende voltar a estudar, a fim de concluir o 3º colegial. Sobre a nota que aplicaria ao projeto, de uma escala de 0 a 10, proferiu a nota 10.

Em setembro, completou 2 anos que Mateus está trabalhando no Projeto “Luxo do Lixo” e exerce a função de prensista. Evangélico não praticante, ele pretende voltar à igreja, “Deus é Amor”, onde foi batizado e permaneceu por 9 anos.

Dentre as atividades de lazer, gosta de levar as crianças no bosque, hoje, chamado de zoológico municipal e também para brincarem numa pracinha perto da sua casa.

Mesmo estando no Projeto “Luxo do Lixo”, tem enviado alguns currículos para algumas empresas da cidade, mas considera que devido a sua prisão, seu nome ficou “*marcado*” em sua ficha de antecedentes criminais, embora nunca mais tenha tido qualquer problema judicial.

Sobre a sua situação econômica atualmente, a considera muito boa em vista do que passou anteriormente e vê o futuro como uma coisa boa, tentando melhorar cada vez mais. Termina a entrevista dizendo: “*Já tendo alguma coisa já é difícil imagine não tendo nada*”, referindo-se à necessidade de voltar a estudar.

Durante a entrevista, demonstrou muita tristeza na expressão e no olhar ao falar do período em que ficou preso e da dificuldade em encontrar um novo emprego. Percebe-se certa revolta para com a sociedade, ao falar do período em que trabalhou na rua. Neste sentido, a sua reinserção na sociedade após perder tudo, inclusive, o vínculo familiar, se dá exatamente através do Projeto “Luxo do Lixo”.

### **Daniel**

*“Graças à Deus é bem gratificante poder trabalhar no Projeto Luxo do Lixo. Muito bom. Porque dá oportunidade, você muda de vida. Você volta a ter salário né, você volta a ter dignidade, volta a ser Digno, porque quando você esta usando droga você não é. Você perde a sua dignidade”.*

Devoto de “Nossa Senhora Desatadora de Nós”, Daniel atribui à santa a cura daquilo que considera ter sido uma das maiores dificuldades já enfrentadas em sua vida. “*Foi ela quem desatou o nó da minha vida. Que era ser usuário de drogas*”.

Nascido na cidade de Urupês, localizada a aproximadamente 390 quilômetros da capital do estado de São Paulo, foi em Catanduva que Daniel conseguiu seu primeiro emprego em uma loja de armarinhos; pouco tempo depois começou a trabalhar em uma fábrica de ventiladores.

O primeiro contato com o submundo das drogas foi quando conheceu uma menina, aliás, o que considerava uma “amiga” com quem tinha amizade. Essa pessoa usava o chamado *mesclado* (mistura de maconha com crack), ela ofereceu e Daniel

“experimentou e gostou”. Do mesclado, partiu para a pedra de *crack* pura, onde fumava e fez uso por cerca de 8 anos. Daniel também relata que se sentiu extremamente discriminado durante todo o tempo em que fez uso de entorpecentes. *“Ficam olhando, ficam falando, olha lá é drogado, é nóia, faz cara e bocas”*.

Foi em uma casa noturna, de propriedade da sua mãe, que Daniel continuou a alimentar o seu vício. Órfão de pai há 15 anos e homossexual assumido, foi no atendimento aos clientes que bebia, fumava e até buscava alguns tipos de drogas a pedido dos interessados, que lhe gratificavam pelo “serviço” prestado.

*“Foi muito ruim, no fim eu vinha roubar minha mãe, meu namorado, para usar droga, pedia dinheiro para clientes, de caixinha, vendia dose, cigarro e não colocava o dinheiro no caixa”*.

Quando saiu da casa noturna, começou a praticar pequenos furtos para poder comprar drogas e manter o vício. Detido por 3 dias no presídio de Presidente Venceslau, cidade localizada a cerca de 620 quilômetros da capital paulista, por furtar um celular, Daniel se envergonha ao falar da situação, mas conta que adentrou em uma loja dizendo que era usuário e que precisava usar o banheiro para fazer “xixi”, diante da negativa de uma funcionária, viu o celular em cima da mesa, pegou e foi embora.

*“Me filmou, depois eu fui lá na loja devolvi o celular e tudo”*.

Sobre o período que estava preso, embora os demais detentos tenham lhe acolhido muito bem, pois sentiram a sua dificuldade em estar preso pela primeira vez, Daniel, não guarda boas lembranças e faz uma reflexão sobre a cadeia. *“O lugar é bem horrível, bem horrível mesmo o lugar. Um lugar feio dá até medo de ficar neste lugar”*.

Quando saiu do Presídio, Daniel foi internado em uma clínica de recuperação de dependentes químicos na cidade de Jaci, localizada a cerca de 470 km da capital paulista. Após a internação de 2 meses, voltou para sua casa, mas as recaídas foram cada vez mais fortes. Como sempre foi católico, resolveu pedir ao Padre Osvaldo, coordenador do projeto “Luxo do Lixo” e de clínicas de recuperação de dependentes químicos, uma nova oportunidade de ficar internado para realizar um novo tratamento, que teve duração de 3 meses.

Daniel comenta que a rotina diária na clínica de recuperação é muito boa. Os internos levantam às 6 horas da manhã, após a higiene pessoal assistem à missa, às 7 horas da manhã fazem o jejum, realizam atividades na horta, jardinagem, confecção de produtos, ao meio dia é servido o almoço, com oportunidade de descanso, às 17 horas tem o café da tarde, às 18 horas em ponto os internos se unem para rezar o terço em saudação à “Maria, mãe de Jesus”, às 19 horas os internos fazem o jantar, às 21 horas tem o café da noite e às 23 horas todos já se recolhem para poder dormir.

Além das atividades diárias, os internos contam com o apoio: de psicólogas que visitam o local; do coordenador do Projeto, Padre Osvaldo que auxilia no apoio espiritual; além de um grupo de apoio que realiza reuniões tanto com os internos, quanto com os familiares que recebem instruções e informações de como auxiliar os internos, não apenas no período em que estão em tratamento, mas também durante o pós-tratamento.

Após o tratamento, Daniel em conversa com Padre Osvaldo de Oliveira Rosa, pediu o auxílio para ser reintegrado ao mercado de trabalho, pois não gostaria de voltar a trabalhar na lavoura em sua cidade natal, Urupês. Na data da realização da entrevista, fazia 15 dias que Daniel havia sido integrado ao Projeto “Luxo do Lixo”. Ele resume o seu contentamento em simples palavras: *“trabalhando no projeto Graças a Deus é bem gratificante. Muito bom. Porque dá oportunidade, você muda de vida”*.

Perguntado sobre como o Projeto “Luxo do Lixo” lhe auxiliou na reconstrução dessa nova identidade, Daniel foi enfático em dizer: *“Me dando oportunidade de trabalho né. Pra gente poder trabalhar com dignidade e mudar nosso estilo de vida”*. Mesmo com pouco tempo de trabalho no Projeto, Daniel foi convidado a assumir um novo emprego em uma concessionária de venda de veículos automotores, mas preferiu continuar no Projeto.

Daniel também testemunhou estar vivendo uma nova vida, ao lado de sua mãe e de seu namorado com quem mantém um relacionamento há cerca de 10 anos. Tem participado ativamente das atividades religiosas, ao frequentar a missa todos os domingos; nas terças-feiras frequenta o grupo de Apoio; e nas quintas, participa do grupo de Oração ligado a Renovação Carismática Católica (RCC). Também pretende voltar a estudar, mas ainda não sabe qual curso pode vir a fazer.

*“Minha mãe me olha e fala que me ama, meu namorado me dá os parabéns frequentemente por ter parado, por ter uma vida nova. Antes me chamava de Desgraçado, de Desgraça por eu*

*ser usuário de drogas. Minha mãe me chama de meu amor, me beija me dá carinho, eu dou mais carinho para ela do que antes”.*

Com desenvoltura, ao ser perguntado sobre temas que cercam o cotidiano diário das pessoas, Daniel diz que vê a política como uma “grande” corrupção, pois as pessoas não ganham nada com isso. Nos momentos de lazer prefere sair com seu namorado e gastar o dinheiro com “comida”. Perguntado sobre qual a sua preferência disse: *“bolo, salgados gostosos, bebidas, refrigerante, adoro coca-cola”*. Também faz questão de dizer que vai sempre à casa da avó e na chácara do namorado e eventos sociais que tem oportunidade.

Daniel analisa que sua vida hoje está ótimo em relação a tudo o que passou e que está feliz por ter a oportunidade de voltar a trabalhar. Possui um forte arrependimento do passado, por ter roubado da mãe e do namorado. Vê o futuro promissor e crê que a cada dia possa melhorar.

### **Dirceu**

*“Eu bebia desde a idade de 6 anos quando morava no sítio, meus pais tomavam um golinho para jantar, você ficava olhando, ele já molhava a boca dos filhos, aí acostumou”.*

Dirceu nasceu na cidade de Olímpia, interior de São Paulo e localizada a cerca de 450 quilômetros da capital paulista. Como todo filho de lavradores, começou a trabalhar quando tinha apenas 7 anos de idade, fazia a parte de roça. Ajudava na limpeza dos pés de café e no plantio de cereais. As dificuldades de trabalhar na lavoura em sua época eram várias, desde a falta de equipamentos adequados como botinas, luvas e chapéu até a dificuldade em poder sair da zona rural para buscar tratamento médico. *“Trabalhava de chinelo preto no pé, sem sapatão”*.

Cansado com a vida nas lides da lavoura, decidiu arriscar um novo emprego e mudou-se para a capital do estado de São Paulo, onde residiu por cerca de 9 anos e trabalhou em uma empresa de montagem. Longe dos familiares e passando por dificuldades, resolveu voltar e iniciou novamente suas atividades na lavoura, mas agora no corte de cana em várias fazendas da região de Severínia, localizada a 420 quilômetros da

capital paulista. Do corte de cana não guarda boas lembranças. *“É mais fácil a vida agora do que na lavoura”*.

Na última fazenda em que Dirceu trabalhou, por volta de 3 anos, sentiu o peso e a dificuldade que a “cachaça”, estava lhe proporcionando, pois afinal de contas já fazia uso por mais de 45 anos e chegava a consumir até 2 litros por dia. Sendo assim, resolveu mudar-se para Catanduva, onde esteve internado na casa de recuperação para dependentes químicos das “Obras Sociais – Padre Osvaldo” por, mais ou menos, 5 meses e 20 dias. Além do vício, expôs em poucas palavras o ressentimento que guarda, devido à traição por parte da sua ex-esposa. *“Ela não soube valorizar, eu trabalhava muito e ela me traiu”*.

*“Na casa de recuperação é portão aberto, mas a pessoa tem que ter opinião para ficar lá. Tem muita gente que eu conheço que foi para lá, saiu e voltou no mesmo vício. Eu mesmo sempre que posso volto lá para dar um apoio psicológico ao pessoal que está fazendo tratamento”*.

Mas o grande drama, que vem marcando a sua vida, é que seu único filho homem faz uso de crack e vive nas ruas da cidade praticando pequenos furtos e pedindo dinheiro para manter o vício. *“Não quer trabalhar, só quer fumar, beber e dormir. A gente que é acostumado com o serviço responsável fica difícil ver um filho nesta situação. Roubou o próprio pai e até dentro de casa ele usava”*.

Quando Dirceu saiu da casa de recuperação, foi inserido diretamente no Projeto “Luxo do Lixo”, onde está até hoje. Orgulha-se em dizer que não pretende sair tão cedo do Projeto e vê a reciclagem de resíduos sólidos como uma contribuição muito importante para o meio ambiente. *“O Projeto é nota 10”*.

Além do Projeto “Luxo do Lixo”, Dirceu aproveita o final de semana para prestar pequenos serviços de pedreiro e encanador e conta que quando estava voltando de um trabalho, foi abordado pela polícia. Os policiais lhe questionaram a respeito do que ele estava fazendo com uma bicicleta nova, pois um produto igual aquele havia sido furtado de uma residência. *“Foi com orgulho que mostrei a camiseta do Projeto Luxo do Lixo e pedi para os policiais irem às Casas Bahia para ver a prestação. Eles nem deram geral”*.

Dirceu disse que está muito feliz no Projeto e que não pretende voltar a estudar, *“pois aqui é meu lugar”*. Questionado sobre o seu vício, disse que desde que saiu

da casa de recuperação nunca mais colocou sequer uma gota de bebida na boca e que em breve pretende comprar uma casinha para continuar a viver com a atual companheira.

### Cirlene

*“Espero ter uma casa, ter uma família, assim tem hora que eu fico bem chateada, porque eu tenho um filho que não conversa comigo, por que o pai dele não fala que eu trabalho tipo em um Projeto, o pai dele fala que eu trabalho em uma zona”.*

Cirlene é moradora de Catanduva. Sabe ler apenas o seu nome, se diz analfabeta. É separada do primeiro marido e, atualmente, vive com um companheiro. O seu primeiro emprego foi na função de empregada doméstica, em uma casa de família tradicional na cidade. Pessoa de olhar triste se emociona ao narrar seus dramas familiares: seu primeiro casamento foi com uma pessoa 26 anos mais velha que ela. Relata ter se casado com essa pessoa (da qual não gostava) por obrigação a sua mãe, já que o marido sempre agradava a sogra com presentes.

*“A minha mãe é assim, ela gostava que a gente ficasse assim com as pessoas que davam as coisas para a ela, eu não aceitava porque, o dia que eu casei com o pai dos meus filhos, ela não gostava dele, então hoje eu tenho 34 e ele tem 60 anos. Minha mãe obrigou eu a casar com ele, eu não gostava dele, ai eu vi que eu e ele não dava mais certo, eu peguei e larguei, separe”.*

Quando separou do marido, sua mãe não aceitou a situação e a colocou na rua com seus pertences. Sem ter para onde ir ou ficar, foi morar na casa de uma amiga. Neste período, incentivada pela amiga que já recolhia resíduos sólidos recicláveis pelas ruas da cidade, para ajudar no orçamento familiar, Cirlene começou a exercer a mesma função.

Embora sempre gostasse de trabalhar no recolhimento dos resíduos, Cirlene não guarda boas lembranças dos serviços que executava nas ruas. Considera ser um trabalho bastante cansativo, pois sua rotina de trabalho iniciava-se pela manhã e só terminava próximo às 21 horas. Além disso, tinha que mexer nos recipientes de lixo correndo sérios riscos de se machucar, pois não havia equipamentos de proteção e quando havia algum pequeno acidente tinha que se curar na residência que morava.

Cirlene, quando perguntada sobre o seu relacionamento com os moradores das residências, durante o período em que exercia a função de catadora, aponta o lado bom e ruim da situação:

*“Tem pessoa que achava ruim, que a gente mexia no lixo, tinha umas pessoas que ajuntavam o lixo para gente. Agora tem uma que não, não gostava. Tem gente, assim as pessoas da rua repara as pessoas mexendo no lixo, fala que a gente passa fome, maltrata, porque eu já ouvi um monte de gente, eu vejo quando eu vou embora, tem muita gente mexendo no lixo, as pessoas saem do portão e maltratam as pessoas, tem umas que ajudam dá até arroz, da comida, dá pão dá leite, tem uma que tem o coração aberto. Agora só tem umas que só sabe maltratar. Na rua não é tão fácil não.”.*

Cansada de viver nesta situação, já que exercia a função há bastante tempo, foi através desta mesma amiga que Cirlene resolveu ir até o projeto “Luxo do Lixo” para “pedir emprego.” Nesta ocasião, o Projeto ainda funcionava em processo de cooperativa e era coordenado pela Cáritas Diocesana, com o apoio da Prefeitura Municipal de Catanduva. Cirlene fica emocionada ao dizer que conseguiu ingressar no Projeto no mesmo dia e está exercendo as atividades até hoje. *“Eu não queria sair daqui até o resto da minha vida, se fosse para eu ficar eu ficava, eu não queria mudar de serviço. Eu gosto muito de trabalhar aqui”.*

No Projeto “Luxo do Lixo”, Cirlene se orgulha em dizer que agora possui carteira de trabalho assinada, cesta básica, equipamento de proteção e seu salário em dia: *“Aqui nós temos apoio com tudo. Nós rezamos todo dia de manhã cedo. Antes de começar a trabalhar já começa a rezar”.*

Mas o que considera o seu maior drama pessoal é a ausência dos seus 3 filhos, que moram com o ex-marido: um menino de 17 anos, outro de 14 e a filha de 15 anos, que não aceitaram a separação e preferiram a companhia do pai. Ao mesmo tempo, dois de seus filhos não conversam com ela, fato este que Cirlene considera ser uma influência do ex-marido. Ela atribui também ao fato do ex-marido dizer aos filhos que o Projeto em que ela exerce sua função de separadora de resíduos sólidos é uma “zona”, em referência a casas de prostituição.

Outro drama familiar, que Cirlene guarda gravado em sua memória, foi a morte de seu pai com veneno de rato ocasionado pela sua madrasta e a morte da irmã pelo próprio marido que é usuário de drogas.

*“Meu pai foi matado. Minha irmã foi matada. Meu pai, foi minha madrasta que matou meu pai. Com veneno de rato. E minha irmã morreu de 19 facadas no Imperial. Não sei se você ficou sabendo esse caso que teve? Foi 2 anos e meio já faz. O marido dela que a matou. Porque ele fumava droga sabe. Ai ele fumava droga, ai pegou e matou ela”.*

Atualmente, Cirlene relata que está vivendo uma nova fase da sua vida, mesmo pagando aluguel na casa que vive, se orgulha em dizer que está novamente casada há 4 anos e seu maior sonho é, juntamente com o marido, comprar uma casa própria. Pretende voltar a estudar e só espera uma vaga para poder voltar ao Supletivo, já que nunca pode estudar e a mãe também não se interessou em colocá-la na escola. Tem participado ativamente, aos domingos, na missa da Igreja Matriz de “São Domingos”, localizada na área central da cidade de Catanduva e se orgulha em relatar que tem muita amizade com os companheiros de trabalho.

### **Henrique**

Henrique nasceu na cidade de Catanduva. De família simples, sua mãe era lavadeira e seu pai pedreiro, sempre soube dar valor às pequenas coisas da vida. Devoto de “Nossa Senhora de Guadalupe”, santa mexicana, diz que seu anjo protetor é um índio, muito bonito e que lhe acompanha por onde ele estiver.

Mas, sua vida sempre foi marcada por muito sofrimento. Cansado da cidade do interior, resolveu buscar a sorte e a esperança de uma vida melhor na capital do estado de São Paulo. Foi trabalhando em um salão de cabeleireiro, freqüentado pela alta burguesia paulistana, que Henrique conheceu uma pessoa bem mais velha do que ele, pela qual se apaixonou. *“Ela era uma pessoa maravilhosa me dava tudo, eu estava fantasiado, nunca tive mordomias em minha vida.”*

*“Começou tudo com 25 anos, em SP. Eu não bebia, só fumava cigarro. Eu me envolvi com uma pessoa que era gerente do salão, que foi maravilhosa na minha vida. Fiquei morando por 3 anos e o filho desta pessoa usava drogas, no meio da burguesia, no centro, como lhe falei no momento de GLÓRIA. Depois fui pra cocaína, a maconha eu não gostei.”*

Henrique conta que morou por volta de 1 ano e meio junto com essa pessoa, certo dia ela disse a ele que monitorasse o filho dela. Henrique descobriu que o rapaz era assaltante de lojas e, juntamente, com outras pessoas praticava os assaltos e depois dividia o dinheiro. Em uma ocasião, Henrique entrou no apartamento e viu todos cheirando cocaína, foi assim que conheceu o que chama “*mundo das drogas*”.

Quando se separou desta mulher, estava envolvido com drogas e acabou perdendo toda a vida boa que levava. Foi neste período que começou a vender roupas, trabalhar em fábricas de sofá e percebendo que a dificuldade aumentava a cada dia, resolveu voltar para sua cidade natal, em Catanduva. Também esteve detido por cerca de 3 meses, pois praticava pequenos furtos, principalmente, de joias para poder comprar bebidas e cigarros.

Foi em Catanduva que Henrique recomeçou sua vida, aliás, passou a trabalhar em uma indústria gráfica de familiares. Há cerca de 7 meses, Henrique se envolveu com um garoto de 16 anos:

*“Apaixonei-me por uma pessoa que hoje não quer nem olhar para minha cara. Perdi tudo que eu tinha, morei embaixo de árvore, em terreno baldio com essa pessoa, um menino de 16 anos. Primeiro que eu estava errado que poderia ser meu filho, segundo que é pecado e eu fazia sexo que é pecado com um menino de 16 anos e terceiro, que eu poderia estar preso e ser considerado pedófilo”.*

Em seu depoimento, disse que seu envolvimento com o garoto começou quando se conheceram em um ponto da praça principal da cidade. O garoto faz programas e aceitou sair com Henrique. Os dois mantiveram um relacionamento, já que Henrique relatou ser bissexual. Deste relacionamento Henrique não guarda nada de positivo, disse que precisou vender tudo o que tinha para poder sustentar o garoto, que também era viciado em drogas. Certa vez, quando consumiam uma pedra de crack, Henrique pôs fogo no próprio corpo ao tentar beber álcool puro. É com tristeza que, durante a entrevista, ele mostra as marcas do episódio. Henrique também esteve internado em um Hospital de Tratamento de Doentes Mentais, fato este que descreve com grande orgulho:

*“Comecei a ficar com medo. Eu fui à verdadeira boca do lixo mesmo. Fui morar num quarto de um cômodo que tinha até rato. Eu comia pão duro, eu já comi coisa*

*do lixo. Passei frio, fome, andava com dor no corpo. Tenho o corpo todo queimado porque estava fumando pedra e resolvi beber álcool puro, foi quando me queimei inteiro”.*

Henrique, sentindo que chegou ao fundo do poço, como ele mesmo disse, procurou a ajuda do Padre Osvaldo para poder começar a trabalhar, foi quando aceitou ser inserido no Projeto “Luxo do Lixo”. Quando tivemos contato com Henrique, ocasião em que fomos ao Projeto para fotografar os trabalhadores, ele nos disse que estava feliz com o trabalho e também começou a mobiliar a sua nova casa.

### Júlio

Júlio nasceu na cidade de Taquaritinga, localizada a aproximadamente 345 quilômetros da capital do estado de São Paulo e começou a trabalhar com 8 anos de idade nas lides da lavoura. No entanto, Júlio ficou órfão de pais aos 9 anos de idade e como gostava de “bagunçar” ficou internado “no internato e reformatório”, onde precisava “andar na linha”, conforme ele próprio relata.

Sobre a sua passagem pela Capital, disse que durante os anos vividos no internato precisava auxiliar nas atividades diárias, mas que pouco se interessou em estudar. Com 17 anos, voltou para sua cidade natal e começou a cuidar de sítios e chácaras da região, inclusive trabalhou por alguns anos como metalúrgico.

Mas sua história de vida, mesmo com o falecimento dos pais por doença, embora pareça rotineira, é marcada por um drama. Ficou detido por 30 anos, pela prática de vários furtos e até mesmo por vadiagem. Entre os furtos destacam-se os de pequenos objetos, como: animais para passear, rádios, aparelho de televisão e até roupas para uso próprio.

*“Eu sempre morei em Taquaritinga, mas pelos anos de cadeia que eu ia puxando eu tava em Taquaritinga ai eu ia preso, ai saiu voltava roubar ficava preso um tempão, voltava para meus familiares novamente. Era aquela rotina, você sabe. Um pouco na cadeia outro pouco trabalhando, outro pouco fazendo arte correndo né”.*

Quando perguntando como é a vivência dentro de uma penitenciária, já que entre uma prisão e outra esteve detido por cerca de 30 anos, o mesmo é categórico em dizer:

*“A cadeia é um nível diferente. Ali é um ajudando o outro, se ajudando, faz faxina, lava a roupa pra ganhar um cigarro na caixa”.*

Júlio conta também que, entre as atividades profissionais que exerceu, passou um período nas ruas como catador de resíduos sólidos, os quais define como *“material reciclável”*. Embora o trabalho seja bastante forçado, nunca teve qualquer problema com moradores e também com outros trabalhadores que exerciam a mesma função. *“Nunca me senti excluído da sociedade”*.

Sobre seu envolvimento com entorpecentes, Júlio confirma que até pouco tempo atrás fazia uso de maconha. *“Eu durmo bem, como bem, não estava me prejudicando, sem agressividade. As pessoas falavam que isso não era bom, não prestava, mas nunca prejudiquei meus parentes, ninguém”*.

Embora confirme seu envolvimento com entorpecentes, afirma que nunca precisou ficar internado em clínicas de recuperação e que vem levando uma vida considerada normal. Tem família constituída e afirma que não tem interesse em voltar a estudar, pois já conta com 60 anos de idade.

*“Hoje eu tenho uma família, tenho a minha mulher, tenho meus filhos, como diz hoje eu luto para ver o bem estar da minha família, eu luto para isso, então eu acho que todo mundo tem que ter um objetivo, antigamente eu não tinha, hoje eu tenho que é minha família, então eu luto por isso”*.

Júlio demonstrou muito entusiasmo pela sua vida e superação ao enfrentar seus problemas. Quando perguntado como ele resume todas as dificuldades que passou, é categórico em dizer: *“A Vida sem obstáculos não tem graça”*.

Durante a conversa que obtive com Júlio, na sede do Projeto “Luxo do Lixo”, o trabalhador me informou que estava passando por outra dificuldade em sua vida, pois invadiu uma casa de um conjunto habitacional que pertencia a uma trabalhadora de limpeza pública, popularmente conhecida como gari e que estava esperando a Justiça pedir para ele sair de lá. Em conversa com a coordenadora do Projeto, a mesma me informou que

o Padre Osvaldo estava em contato com o proprietário de uma chácara, a fim de tentar conseguir para que o Sr. Júlio pudesse morar na mesma.

### **Maria Inês**

*“Então, eu não sabia que existia esse Projeto. Ai eu não sei quem comentou comigo que tinha o Projeto Luxo do Lixo que era do Padre Osvaldo. Ai eu brinquei com ele, ei Padre hem!, tem firma e não contrata a gente... brincando, né? Ele falou não, sabe esta sem vaga, mas traz um curriculum ai, que assim que tiver uma vaga. E ai foi que graças a Deus nesta mesma semana eu recebi duas bênçãos. Recebi a benção da cartinha que veio a minha casa lá no Pachá e me chamaram para trabalhar aqui”.*  
*“Eu falo que Deus faz tudo na hora certa, né?!”*

De família humilde e pais lavradores, Maria Inês começou a trabalhar com 12 anos de idade no corte de cana, plantio e colheita de café e na coleta de laranja, na zona rural de Catanduva, sua cidade natal. Diante das dificuldades que pairaram na lavoura, decidiu mudar-se com seus pais e sua irmã para a cidade e iniciar o trabalho de empregada doméstica nas casas de famílias tradicionais da cidade.

Da sua chegada em Catanduva, não guarda boas lembranças. Com seus familiares veio morar em um cortiço conhecido como José Curi, localizado na Vila Santo Antônio, bairro periférico da cidade de Catanduva. Nessa época, conta ter passado por muita dificuldade e que sequer disponibilizava de recursos para fazer duas refeições ao dia. Depois de algum tempo, mesmo trabalhando de empregada doméstica, conseguiu comprar um lote em um bairro periférico e “montar” sua própria casa.

*“Eu era diarista, eu sempre gostei sabe. Eu falo assim, meu trabalho era cansativo, era suado, mas era gratificante. Porque você ganhava seu dinheiro honestamente, sem mexer em nada de ninguém. Eu acho isso muito bonito”.*

Com orgulho e um sorriso nos lábios, fala da irmã que se formou em Engenharia, trabalhando de empregada doméstica e passando roupa para “fora”. Hoje a irmã vive em Campinas, no interior de São Paulo. *“Se você vê o carrão que ela tem, ela*

*tem uma moto linda. Ai meu Deus fugiu o nome da moto. Agora ela está muito bem lá. Graças a Deus”.*

Seu semblante muda rapidamente quando é perguntada sobre qual o maior drama que ela já passou na vida. Com olhar triste e lágrimas nos olhos, lembra a morte de um filho de 16 anos. Considera uma das maiores dores a que um ser humano pode ser submetido.

Seu filho foi jogar futebol na tarde de um sábado e estava muito contente. Por acaso aconteceu uma briga entre os jogadores dentro da escola que acabou envolvendo o sobrinho de Maria Inês, mas o rapaz ameaçou de morte também o seu filho. Quando passaram pelo portal, o rapaz que os ameaçou de morte disparou um golpe de facão que com fatalidade ceifou a vida do jovem filho de Maria Inês. O tempo passou e isso aconteceu há 11 anos, mas a dor e a saudade causada pela perda de um filho nem o tempo supera.

*“Nossa eu fiquei muito anos com saudade. Depois que meu menino nasceu que eu melhorei. Que eu fui encontrar, sabe parece voltar a viver, sabe. Graças a Deus eu não posso me queixar de nada. Eu falo que Deus faz e depois que eu tive esse menino e tive a menina também. Eu falo que um filho não supera o outro. Mas fazer o que né. Diz que não cai uma árvore se não for da condição de Deus né. Ela afunda no mar. Ai foi né, minha maior dificuldade acho que foi essa. Meu filho não estar presente. É muito difícil. Mas foi a minha maior, mas Graças a Deus né sempre. (Se emocionou novamente).”*

Atualmente, mãe de dois filhos, mostra-se bastante orgulhosa em chamá-los pelo nome de Pâmela e Vitor. Maria Inês, diz que não tem o que se “queixar da vida”. Com dificuldades conseguiu cursar até o terceiro colegial e realizar seu grande sonho: a conclusão do curso de Técnico em Segurança do Trabalho. É com grande alegria que Maria Inês relembra o período que entrou no Projeto “Luxo do Lixo”.

*“Dou nota 10 para o Projeto. Porque, eu falo, deu emprego para as pessoas. As pessoas trabalham aqui tem registro. Tem dignidade. Tem direito a férias. Tem direito a décimo terceiro. Tem direito á acerto. Aqui tem os mesmos direitos de uma firma grande. Eu falo uma empregada doméstica não tem os direitos que tem aqui.”*

Maria Inês define seu futuro cheio de novos planos. Pretende voltar a estudar e aperfeiçoar-se no seu curso de Técnico em Segurança do Trabalho, assim que terminar de pagar suas dívidas. Diz que está muito feliz, embora ainda tenha muitas recordações de seu filho.

### Graziela

Graziela nasceu na cidade de Catanduva e seu primeiro emprego foi na Prefeitura Municipal, como agente de combate ao foco do mosquito causador da dengue, quando passava o dia em visita pelas casas de moradores. Também trabalhou em outros ramos de atividade após a separação do marido.

Mãe de um dois filhos, é com grande tristeza e arrependimento que conta sobre o seu envolvimento com entorpecentes. *“Já fiz uso de maconha e cocaína”*.

*“Eu conhecia bastante pessoas que usava, foi logo que separei do meu ex-marido. Ai larguei o meu menininho com a minha avó para eu poder trabalhar, comecei a ir no baile, balada noitada. Sozinha, sem marido sem nada, foi quando eu comecei a fumar maconha, depois comecei com cocaína só no final de semana. Quando eu não fumava maconha não conseguia dormir.”*

Percebendo que não era aquilo o que queria para a sua vida, Graziela decidiu parar de fazer uso de entorpecente com o apoio da pessoa com quem convive por cerca de 2 anos. *“Ele foi bem sincero comigo, pediu para mim decidir, ou o cigarrinho ou ele, ai resolvi parar sozinha mesmo, não precisei nem passar por clinica, nada”*.

Diante da dificuldade que teve com o nascimento do segundo filho que ficou muito doente, Graziela precisou deixar de trabalhar. Mas hoje, comenta que seu filho apresentou sintomas de melhoras, e *“há quase um ano nem gripe ele tem”*. Mas foi um período difícil, pois precisava trabalhar e ajudar o companheiro a pagar aluguel.

Foi então que conheceu o Projeto “Luxo do Lixo” e através de uma conversa com o Padre Osvaldo, acabou por ser inserida no mesmo. *“Naquele momento tudo o que eu precisava era trabalhar, e ele viu força de vontade em mim. No mesmo dia eu vim aqui e ele me empregou.”*

Graziela revela também, durante a entrevista, o drama familiar que seu irmão está passando por fazer uso de entorpecente e que pretende encaminhar seus filhos,

em especial o filho de 11 anos, para o caminho do bem. Durante conversa que tem com o filho, Graziela revela: *“Você está vendo a vida que seu tio tem? Você nunca na vida caia nesta vida de drogas”*.

Atualmente, Graziela continua trabalhando no Projeto “Luxo do Lixo” e considera que o trabalho no projeto tem sido muito bom para ela e, futuramente, pretende voltar a estudar.

O próximo e último capítulo destaca a pesquisa com suas análises e conclusões, evidenciando a questão da exclusão social dos trabalhadores no Projeto “Luxo do Lixo”.

Expert PDF  
Trial

## 5 – DA INVISIBILIDADE AO RECOMEÇO SOCIAL.

*"O sistema global produz pessoas descartáveis, que passam a viver do descarte do consumo. Como os seres humanos fossem lixo, vivendo na rua e da rua, do lixo dos ricos. O descarte social e o descarte do consumo se unindo, vivendo um do outro".*

*Cristovam Buarque.*

No presente capítulo, apresenta-se a pesquisa como uma análise sobre a invisibilidade que toma conta de muitos dos trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”. Frente a esta invisibilidade, constata-se que a atividade de coleta e a reciclagem dos resíduos sólidos, surgem como atitudes emergentes de uma sociedade contemporânea e como fruto de múltiplas determinações. Nesse contexto, pode-se apontar a presença da desigualdade e da exclusão social e do consumismo – como regra na sociedade capitalista – e da constante escassez dos recursos naturais, como fatores determinantes da emergência desta atividade.

### 5.1 – INVISIBILIDADE PÚBLICA.

A questão que envolve a exclusão social não é a única relevante, no que diz respeito aos trabalhadores. Um estudo de campo realizado por um mestrando em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), Fernando Braga da Costa, revelou-se surpreendente quando o então mestrando vestiu o uniforme e trabalhou um mês como gari, varrendo ruas da Universidade de São Paulo. Ali, constatou que ao olhar da maioria os trabalhadores braçais são seres invisíveis, sem nome.

Em sua dissertação de Mestrado, conseguiu comprovar a existência da 'invisibilidade pública', ou seja, uma percepção humana totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho, em que se enxerga somente a função e não a pessoa. Costa (2004) trabalhava apenas meio período como gari, não recebia o salário de R\$ 400 (quatrocentos reais) como os colegas de vassoura, mas garante que teve a maior lição de sua vida.

Dias depois, varrendo com os companheiros, três professores do Instituto de Psicologia passaram ao meu lado. O lugar era outra vez o Restaurante dos Professores. Ficamos frente a frente. Um deles, naquele ano, lecionava aulas para nossa turma: chamava-me pelo nome e cumprimentava-me nos corredores do bloco de aulas. O outro, durante uma aula, meses antes, havia valorizado o modo como me ocorreu traduzir uma lição sua: ‘Posso usar o que você disse Fernando, numa conferência que estou para realizar?’. O último costumava fazer caminhada pelo bairro de Pinheiros. Dois anos depois de eu ter cursado sua disciplina, em um desses passeios, ele fez questão de me acenar. Estávamos em calçadas opostas. Pois bem, naquele dia, no Restaurante dos Professores, ficamos frente a frente, eu e os três. Nenhum deles fez qualquer saudação. Não me viram. Um deles - aquele que me reconhecera do outro lado de uma larga avenida - precisou desviar-se para não nos esbarrarmos sem dar-se conta de que era eu. Teria sido ocorrência episódica? Duas semanas depois, mesmo cenário, mesma ação: Restaurante dos Professores, os garís varrendo, eu varrendo entre eles e uniformizado. Encontro outras duas professoras, em seleção para monitoria em sua disciplina, havia sido avaliado e aprovado por uma delas. Trabalháramos juntos, semanalmente, um semestre inteiro. Com a outra, o contato era menos acadêmico, menos formal: fora das aulas, trocávamos idéias quando estávamos em seu departamento. Interrompi o trabalho de varrer e ensaiei o corpo para uma saudação. Passaram a pé ao meu lado, ombro a ombro. Não me viram. Em situação semelhante, poucos meses depois, Restaurante dos Professores, uma delas chegou a me encarar olho no olho. Estávamos a uma distância que não superava dois metros. Olhava com medo. Não me via. Não me reconheceu. (COSTA, 2004, p.20).

As descobertas e experiências o levaram a estudar profundamente a relação da sociedade com esses trabalhadores, resultando no lançamento do livro *Homens Invisíveis – Relatos de uma Humilhação Social*.

Apoiado inicialmente nos estudos de Simone Weil, sobre a opressão entre os operários (WEIL, 1996), a obra tem o mérito de trazer à tona, com uma argumentação forte e por vezes apaixonada, a questão da desigualdade e exclusão dos indivíduos. Ao longo de quatro capítulos (Introdução, O lugar, As Condições Materiais de Trabalho, e No pé da serra de Petrópolis), o autor se debruça sobre um fenômeno muito interessante: o desaparecimento simbólico de indivíduos pobres com profissões que não exigem qualificação escolar ou técnica.

O que chamou a atenção do estudante de psicologia, sobre a invisibilidade simbólica dos garís da cidade universitária da USP, é o fato de constatar que, ao se vestir como os garís, ele não foi enxergado por amigos, colegas e professores que haviam estado com o estudante apenas algumas horas antes. Por que, ao usar um uniforme, ele desapareceu?

Como gari, senti na pele o que é um trabalho degradante. Vivi situações que me impulsionaram a entender melhor o

nosso meio psicossocial”. “A invisibilidade e a humilhação repercutem até na maneira como você anda, fala, olha. Eles não conseguem nos olhar de frente e, quando olham, piscam rapidamente. O modo de andar lembra movimentos de robô. (COSTA, 2004,p.64)

Este trabalho também foi tema de várias reportagens em revistas de circulação nacional, onde o psicólogo e pesquisador relatou toda a experiência vivida. Em uma rápida pesquisa pela Rede Mundial de Computadores, percebem-se inúmeros outros endereços eletrônicos e sites relatando e comentando o trabalho realizado pelo pesquisador.

Nessa perspectiva, observou-se que a invisibilidade pública vem sempre acompanhada da humilhação social e do sofrimento pelo rebaixamento político, social e psicológico.

Para tanto, a pesquisa com os trabalhadores do projeto “Luxo do Lixo”, materializou uma situação semelhante, pois durante a entrevista com os mesmos, ficou evidente a invisibilidade dos trabalhadores diante da sociedade, principalmente durante o período em que alguns dos entrevistados viviam pelas ruas, recolhendo resíduos sólidos, sem sequer serem notados por outras pessoas que ao seu lado passavam. Em muitas das vezes, estes trabalhadores seriam confundidos com usuários de entorpecentes, evidenciando-se assim um contexto em que esses indivíduos conviveram em uma sociedade de risco, distinguindo-se de outros grupos sociais legítimos.

Por outro lado, é evidente que após a reinserção no projeto “Luxo do Lixo”, principalmente nesta nova fase de coordenação, os trabalhadores ao revelarem sua atual condição de vida, evidenciam a mudança e o respeito que vêm tendo por parte da sociedade.

## 5.2 – O ÚLTIMO VÍNCULO: MORADORES DE RUA E OS CÃES.

Um estudo com resultados preliminares que estava em andamento, coordenado pelo Professor Renato da Silva Queiroz e realizado pelo Grupo de Estudos dos Direitos dos Animais, em parceria com o Laboratório de Estudos sobre a Intolerância (LEI) – ambos da Universidade de São Paulo (USP) – procura demonstrar o último vínculo que existe entre os moradores de rua e seus cães, na cidade de São Paulo.

A compreensão das variadas formas de manifestação de intolerância entre os seres humanos não pode ser alcançada sem que se esclareça a natureza das concepções segundo as quais o homem ocupa o centro do universo e se constitui no ser mais aperfeiçoado da evolução. O antropocentrismo situa entorno da

maneira como os demais animais em planos inferiores e concede aos humanos o direito de submetê-los e explora-los. (QUEIROZ, 2007).

No mundo atual, os homens relacionam-se entre si, muitas vezes por meio de categorias de representação que se aplicam aos animais. Nessa medida, o rebaixamento de grupos e pessoas os tornam seres da “animalidade”, abrindo-se assim a emergência das diferentes e perversas modalidades de discriminação, preconceito, segregação, etc.

Logo, não se pode compreender a intolerância entre os homens sem uma investigação em torno da maneira como tratamos os animais e o modo como os utilizamos nas relações com as pessoas.

Sendo assim, são numerosos os “habitantes de rua” da cidade de São Paulo, homens e mulheres que vivem e pernoitam ao relento e obtêm seus meios de vida recorrendo à mendicância, coletando sobras do consumo alheio e comercializando mercadorias baratas. Em sua maioria, não se associam a cooperativas nem se organizam em grupos de trabalho.

Essas pessoas, em geral desprovidas de convívio ou vínculos familiares, sobrevivem em situação de extrema vulnerabilidade, donde a sua sujeição a toda sorte de intolerância, humilhações, violência, preconceito e discriminação. Trata-se de homens e mulheres em geral avulsos, sem emprego, sem família, sem teto, sem privacidade, maltratados, freqüentemente indocumentados, “não-pessoas” que ocupam um não-lugar na estrutura social e na paisagem urbana, tal como se configuram no cenário da cidade. Por isso, são taxados de imprestáveis, sujos, vagabundos, marginais, ladrões, figuras incômodas e poluidoras, afirma Queiroz (2007).

Suas histórias de vida pouco variam: migrantes desgarrados, desempregados e subempregados, ex-presidiários, portadores de moléstias ou limitações somáticas e mentais, desiludidos de toda ordem, ex-prostitutas, alcoólicos etc. – enfim, pessoas perdidas ou que se perderam no emaranhado das tramas e dos dramas da existência. Sobrevivendo das sobras do consumo urbano, já que obtêm alguns trocados coletando latas, papel, papelão, madeira e ferro-velho descartados, os “moradores de rua” nos prestam, entretanto, um serviço dos mais importantes: procedem à limpeza do lixo que se acumula nas ruas, contribuindo para a reciclagem de materiais. Restos de homens, que sobrevivem das sobras de mercadorias.

O poder público e as organizações humanitárias empreendem ações visando minimizar o drama dos “moradores de rua”, mas são iniciativas tímidas e insuficientes,

considerando-se o vasto contingente dos que perambulam pela cidade. Por outro lado, muitos recusam essa ajuda, ofertada especialmente pelos albergues de inverno, porque – a despeito da precariedade inerente à permanência nas ruas – a “liberdade” constitui o único e prezado bem de que essas pessoas podem desfrutar, pois se veem desobrigadas de cumprir horários e regulamentos, realizar tarefas sob vigilância, assumir responsabilidades familiares e profissionais.

A mídia noticia as costumeiras agressões que os vitimam, realizadas no silêncio das noites desertas. As mais graves – efetivadas a porrete ou fogo ateadado aos seus corpos embebidos em álcool ou gasolina – têm ocasionado diversas mortes, sem que os criminosos sejam identificados e punidos nos termos da lei. Impiedosa crueldade, aqui inversamente proporcional à importância social das vítimas: pessoas paupérrimas, invisíveis e incômodas, eremitas numa multidão insensível.

Uma tese esboçada nos jornais diários postula que as mortes têm mandantes: comerciantes desgostosos, com a presença dessa gente nas imediações de seus estabelecimentos, encomendariam a limpeza. Traçadas as devidas proporções e as necessárias ressalvas, tal prática se assemelha a uma micro-limpeza étnica, na medida em que os agredidos são majoritariamente pardos ou negros.

A tese da mídia está circunscrita a uma razão prática: os imóveis e as mercadorias perdem brilho e valor na medida em que as “não-pessoas” incomodam e afugentam moradores e clientes. Mas isso não basta para esclarecer a brutalidade desmedida, como não explica os métodos de extermínio: fogo e porrete. É preciso, portanto, ir além e dirigir o olhar para dimensões mais afeitas ao universo do simbólico, isto é, para razões mais expressivas do que técnicas – mas nem por isso menos eficazes – entre as quais se dissimulam o preconceito e a intolerância.

“Essas vítimas são mais do que incômodas ou estorvos: são “não-pessoas”, vistas como ameaçadoras e poluidoras, pois “fora de lugar” (DOUGLAS, 1976).

“É como se o fogo ateadado às suas vestes se prestasse à purificação do social. E mais do que à purificação: servisse mesmo ao pavor, convertendo-as de “homens-do-saco” em espantalhos flamejantes ou, então, em carne desfigurada a porretadas. “Não-pessoas” não podem mesmo ter face ou identidade; mortas, são rotuladas de indigentes” (DUVIGNAUD, 1979).

É elevado o número de “moradores de rua” que se fazem acompanhar de seus cães. Feita esta constatação, formulou-se a primeira hipótese: despojados de vínculos

com outros humanos, estabelecem eles relações afetivas com seus cães (“o último vínculo”), afirma Queiroz.

De fato, entrevistas e observações já realizadas com moradores de rua, que não quiseram identificar-se, confirmam a hipótese: “o animal é como se fosse a família da gente”. “Eu me sinto mãe dos cachorros; quando chove, carrego-os no colo”. “O cão protege, dá carinho, de irmão para irmão”. “Gosto mais de cachorro do que de gente. O cão não falha, não xinga, não tem falsidade, não sabe o que é o dinheiro. Passamos frio, fome e chuva juntos. Nunca abandona a gente”.

Todavia, há outro aspecto a ser observado e pesquisado, mas que previamente pode ser destacado: os cães promovem a mediação entre seus donos e transeuntes, na medida em que despertam a simpatia e a compaixão dos que apreciam animais. Por intermédio dos cães, essas “não-pessoas” ganham visibilidade e algum respeito, estabelecem diálogos, recebem um mínimo de atenção e auxílio. “As pessoas tratam a gente melhor quando tem cão ao lado. Elas vêem o carinho pelo cão”. Parafraseando Marx (1975): “no universo das ruas aqui considerado, esses homens não se relacionam por meio das coisas, mas por intermédio dos cães. Em outras palavras: se humanizam graças aos animais”.

Feitas as considerações acima, deve-se ressaltar que as ações destinadas a acolher os “moradores de rua” não podem apartá-los de seus cães, seja nos albergues, seja no tocante às políticas sociais, pois à semelhança dos núcleos familiares, os cães e seus donos constituem, nesse universo, uma evidente unidade. “E é preciso levar em conta que os cães têm não apenas serventia para os humanos - não se restringindo, pois, a meros objetos de gozo, uso e fruição -, mas têm valor em si e são sujeitos de direitos, embora não possam defender-se. Além disso, como outros animais, são seres sensíveis: demonstram medo, dor e desejos, são inteligentes, dotados de sentimentos e sensibilidade” (LEVAI, 2004).

Keith Thomas (1988) escreve que: “desde o início da idade moderna um antropocentrismo exacerbado fundamenta o predomínio dos homens sobre o mundo natural, no seio do quais os animais aparecem como criaturas destinadas a servir, sem restrições, aos nossos propósitos”. Por sua vez, em “O Contrato Animal”, Desmond Morris (1990) argumenta que: “rompemos o contrato com os outros animais desde que passamos a subjugar-los e explorá-los, alterando assim o equilíbrio natural entre as espécies que

compartilham o planeta. Mas será possível reparar este contrato sem uma prévia e profunda alteração do contrato entre os próprios humanos?”.

Na revisão deste contrato, podemos nos inspirar nas sociedades “primitivas”: sociedades avessas ao cálculo, ao uso abusivo de pronomes possessivos e ao entesouramento (Clastres, 1974; Seeger, 1980; Gosso, 2005). Ademais, em seus relatos míticos transparece uma invejável simetria entre os humanos e os outros animais. Simetria que se pode ver mediante a observação do contrato firmado entre “moradores de rua” e seus cães.

### 5.3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A presente pesquisa intitulada: *Da invisibilidade ao recomeço social: um estudo sobre trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” em Catanduva/SP*, teve como objetivo compreender o que levou esses trabalhadores, com seus dramas, histórias de vida e exclusão social, a trabalhar exatamente com o resíduo sólido.

Neste sentido, contextualiza-se que a falta de oportunidades no mercado de trabalho, os vícios, a baixa qualificação e os dramas familiares são resultados contundentes e marcantes desta exclusão social. Sendo assim, a questão que envolve a exclusão social, de acordo com os conceitos enunciados no início do texto, verifica-se no fato dela estar muito presente na vida e na fala dos trabalhadores que constituem os sujeitos do presente trabalho.

Em sua fala, a maioria dos trabalhadores revela todo um contexto de exclusão, que acaba implicando em outras situações, como: estigmatização, ‘falta’ de cidadania, marginalidade, envolvimento com o vício, etc.

O desenvolvimento das leituras e do trabalho de campo conduziu às caracterizações empíricas e à compreensão sobre o grupo formado por trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo”. Este grupo de trabalhadores, por sua vez, contextualiza uma formação típica da modernidade tardia, etapa regida pelas lógicas simultâneas da sociedade de risco, dos impulsos ao consumo e da busca de distinção por parte de seus segmentos. Como agentes sociais desse contexto, os trabalhadores experimentam processos contraditórios e ambivalentes na constituição de uma identidade social específica.

A pesquisa também permitiu sinalizar que a identidade dos trabalhadores do Projeto “Luxo do Lixo” se encontra em formação, submetida às complexas dinâmicas

subjetivas, marcadas por processos não-lineares, repletos de contradições, tensões e fragilidades. Tais dinâmicas, ademais, mostram-se ambivalentes e não se realizam como em outras identidades profissionais. É típico dessas dinâmicas que os mesmos fatores que marginalizam, simultaneamente, integram o grupo dos trabalhadores. Assim, ao mesmo tempo em que os resíduos sólidos, tipificados como lixo, constituem um fator marginalizante – já que neles são encontrados os rejeitos da sociedade – eles também compõem o elemento que viabiliza um processo de ressignificação por parte dos trabalhadores, capaz de integrar pessoas consideradas excluídas do mercado formal, visto ser esta sua única opção de sobrevivência.

Contrariando o texto do capítulo que aborda o último vínculo entre humanos e seus cães, pode-se evidenciar que esses trabalhadores são resultados de uma condição de dupla exclusão: seja pela sociedade e dramas por que passaram; seja por serem excluídos no mercado de trabalho, uma vez que, evidencia-se que essas pessoas não tiveram o resgate necessário para viverem com dignidade. Sendo assim, o surgimento do Projeto “Luxo do Lixo” e a mudança de vida, faz com que esses trabalhadores voltem à busca de melhores condições de vida. É nesse ponto que é possível perceber a importância do consenso e dos pactos para que se possa construir um novo modelo social e de atividades, através do trabalho que vem sendo desenvolvido pela Associação “Pão Nosso - Obras Sociais Padre Osvaldo” para a realização do Projeto “Luxo do Lixo”.

Quanto aos planos para o futuro, é comum o desejo de conseguir uma casa própria, voltar para a cidade de origem, comprar um carro ou moto, voltar a estudar ou qualificar-se, conseguir um emprego melhor.

A realização das entrevistas com os trabalhadores evidenciou que, ao serem informados sobre o fato da identidade ser mantida em sigilo para transcrição das histórias de vida, todos se disseram indiferentes à publicação, o que evidencia uma preocupação exagerada por parte de pesquisadores e do Conselho ligado às pesquisas sobre esse fato narrado.

Seja como for, a exclusão social fez parte rotineiramente na vida destes trabalhadores, pois não se trata de conceber a exclusão social como um fenômeno novo. Mas hoje, contudo, a produção da miséria não se faz apenas no sentido da rejeição do homem pelo mundo. Pelo contrário, a globalização gera não apenas a expulsão do homem pelo outro, mas a sua rejeição também por si mesmo. Antes, negava-se ao homem a sua plena integração; hoje, expulsa-se o homem do mundo, ou, o que é pior: faz-se com que ele

se intimide e se dê por excluído, rejeitando-se, inclusive por si próprio, por não ter obtido o mérito de poder ser aceito.

Por último, cabe registrar que esta pesquisa sinalizou indicativos para futuros estudos sobre o tema, principalmente, no que diz respeito às histórias de vida de trabalhadores em situações cotidianas na cidade. Por outro lado, este estudo constitui uma tentativa de valorização do serviço prestado por trabalhadores, pois aponta a discussão dessa forma de organização societária e a construção de uma sociedade mais igualitária e com justiça social.

Expert PDF  
Trial

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR -10004: Resíduos Sólidos - Classificação**. Rio de Janeiro: ABNT, 1987. 63p.

ABREU, M. de F. **Do lixo à cidadania: Estratégias para a ação**. Brasília, DF: Caixa/UNICEF, 2001.

ALVES, Afonso Telles. **Dicionário Moderno da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Úteis, 1958.

BAUMAN, Zugmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Carlos Alberto Medeiros (tradução). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

\_\_\_\_\_. **Vida Para o Consumo**. Carlos Alberto Medeiros (tradução). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Carlos Alberto Medeiros (tradução). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BECK, U. **World risk society**. Malden, USA: Polity Press, 1997.

BERNARDES, Mauro. A Rota do Lixo. **Revista Info-Exame**. São Paulo, nº 290, p.51, 01, abr., 2010.

BONJOVANI, Adriana. Catanduva recicla apenas 1% do seu lixo. **Notícia da Manhã**, Catanduva, 04, mar, 2007. P.4. (Cidades).

BONETI, Lindomar W. Estado e exclusão Social Hoje. In: **Os caminhos da Exclusão**. Ijuí (RS): Ed. UNIJUÍ, 1998. (Coleção Ciências Sociais).

BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BUARQUE, Cristovam. **Admirável mundo atual – dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado**. São Paulo: Geração Editorial, 2001.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **D.O.U.** 5, out., 1988.

CÁRITAS Diocesana faz parceria para apoiar catadores de papel. **O Regional**, Catanduva, 26, fev., 1999. P.06-2 (Geral).

CARMO, M. S. do, OLIVEIRA, J. A. P. de, MIGUELES, C. P. Significado do Lixo e Ação Econômica – a Semântica do Lixo e o Trabalho dos Catadores do Rio de Janeiro. In: **ENANPAD**. Curitiba, 2004 (Anais).

CARVALHO, Tereza. A Rota do Lixo. **Revista Info-Exame**. São Paulo, nº 290, 01, abr., 2010. P.50.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

- CLASTRES, Pierre. **La Société contre L'État: recherches de anthropologie politique.** Paris, De Minuit, 1974.
- COSTA, Fernando Braga da. **Homens Invisíveis: relatos de uma humilhação social.** São Paulo: Globo, 2004.
- DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo.** Petrópolis: Vozes, 1976.
- DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DUVIGNAUD, Françoise. **Pour une sociologie de l'effroi: note sur L'épouvantail. Cahiers Internationaux de Sociologie.** Paris: PUF. Vol. LXVI, 1979.
- ESCOREL, S. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FONTES, Virgínia. Capitalismo, exclusões e inclusão forçada. **Tempo.** Rio de Janeiro, v.2, n.3, jun., 1997. P.34-58.
- FORRESTER, Viviane. **O horror econômico.** Álvaro Lorencini (tradução). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. P. 9.
- FRITSCH, I. E. **Resíduos Sólidos e seus Aspectos Legais, Doutrinários e Jurisprudenciais,** 2000.
- GALLO, Zildo. **Ethos, a grande morada humana; economia, ecologia e ética.** 1.ed. Itu (SP): Ottoni Editora, 2007.
- GAULEJAC, Vincent. **Gestão como doença social.** S.P: Idéias e Letras, 2007.
- GOFFMAN, E. **Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.
- GOSSO, Yume. **Pexê Oxemoarai: brincadeiras infantis entre os índios Parakanã.** (Tese de doutorado), IP-Universidade de São Paulo. Mimeografado, 2005.
- LENOIR, René. **Les exclus - Un Français sur dix éd. du Seuil.** Collection Points Actuels, 1974.
- LEVAI, LAERTE F. **Direito dos Animais.** Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2004.
- MARICATO, Ermínia. Exclusão social e reforma urbana. **PROPOSTA.** No. 62, ano 22, 1994.
- MARX, CARLOS. **El Capital: crítica de la economia política.** México: Fondo de Cultura Económica, vol. I, 1975.
- MORRIS, Desmond. **O Contrato Animal.** Rio de Janeiro: Record Editora, 1990.
- NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O fenômeno da exclusão social no Brasil.** INED, n.3, 1996.

POCHMANN, Marcio; AMORIM, Ricardo. **Atlas da exclusão social do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

QUEIROZ, Renato da Silva. **O último vínculo: os moradores de rua e os cães**. São Paulo: USP, 2007.

ROMAN, Luiz Carlos. **Vidas de Rua**. Co-edição. São Paulo: Hucitec, 1998. (Associação Rede Rua).

ROSA, Cleisa Moreno Maffei. **Vidas de Rua**. Co-edição. São Paulo: Hucitec, 2005. (Associação Rede Rua).

ROSA, Osvaldo de Oliveira. **Projeto “Luxo do Lixo”**. Catanduva, Paróquia Imaculada Conceição, 09, set., 2011. Entrevista concedida a Davis Gláucio Quinelato.

SAWAIA, B. Participação social e subjetividade. In: SORRENTINO, M. [Org.], **Ambientalismo e participação na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Educ/Fapesp, 2001. P.115-134.

SEEGER, Anthony. **Os índios e Nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

SIMMEL, Georg. "De Grosstade und das Geistleben" (1902 – 3), aqui citado na tradução de Kurt H. Wolff, "Metropolis and mental life", in Richard Sennett (org.), *Classic Essays on the Culture of Cities*, Appleton-Century-Crofts, 1969. P.52.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas**. São Paulo: Contexto, 1998.

SOARES-BAPTISTA, Rozalia Del Gáudio. Reciclagem, Ação Social e Política de Gerenciamento do Lixo em São Paulo. In: **ENANPAD**, Atibaia, 2003. (Anais).

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo, Cia. das Letras, 1988.

THOMAS, Hélène. **La production des exclus: politiques sociales et processus de désocialisation socio-politique**. Paris: PUF, 1997. (Collection Sociologie d'aujourd'hui).

ZANETTI, I. **As sobras da modernidade**. Porto Alegre: FAMURS, 2006.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

#### ENDEREÇOS ELETRÔNICOS.

BRASIL. Governo do Distrito Federal. Disponível em: <<http://www.gdf.gov.br>> Acesso em: 8, maio, 2011.

CÂMARA, Municipal de Catanduva – Catanduva/ SP. Disponível em: <  
[http://sapl.camaracatanduva.sp.gov.br/sapldocumentos/normajuridica/3895texto\\_integral](http://sapl.camaracatanduva.sp.gov.br/sapldocumentos/normajuridica/3895texto_integral)>  
Acesso em: 10, jun., 2011.

CEMPRE. Compromisso Empresarial para Reciclagem. Disponível em: <  
<http://www.cempre.org.br>> Acesso em: 23, ago., 2011.

CNBB. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Cartilha História da Cáritas. Disponível em: <  
[http://www.projetoreciclar.ufv.br/docs/cartilha/polis\\_coleta.pdf](http://www.projetoreciclar.ufv.br/docs/cartilha/polis_coleta.pdf)> Acesso em: 12, jul., 2011.

MAGERA, M. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. Disponível em: <  
<http://200.150.225.142/collegiumnet/site/file/publicacoes/revista-administracao-pauta-edicao3.pdf#page=47>> Acesso em: 30, jun., 2011.

Paróquia Imaculada Conceição – Catanduva/SP. Disponível em: <  
[www.paroquiainmaculada.org.br](http://www.paroquiainmaculada.org.br)> Acesso em: 28, ago., 2010.

Portal Brasil – Governo Federal. Disponível em: <  
<http://www.brasil.gov.br/sobre/meio-ambiente/residuos-solidos>> Acesso em: 30, jul., 2011.

REVISTA, Época. **Gente Invisível**. Editora Globo. Disponível em: <  
<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT764232-1664,00.html>> Acesso em: 11, jun., 2011.

#### LEIS.

Lei nº 12.305/10 - Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998; e dá outras providências.

#### Estado do Ceará.

Lei nº 13.103/01 – Dispõe sobre a Política Estadual de Resíduos Sólidos e dá outras providências correlatas.

#### Estado do Goiás.

Lei nº 14.248/02 – Dispõe sobre a Política Estadual de Resíduos Sólidos e dá outras providências.

#### Estado de Minas Gerais.

Lei nº 14.128/01 – Dispõe sobre a Política Estadual de Reciclagem de Materiais.

#### Estado do Pernambuco.

Lei nº 12.008/01 – Dispõe sobre a Política Estadual de Resíduos Sólidos e dá outras providências.

Estado do Rio de Janeiro.

Lei nº 4.191/03 – Dispõe sobre a Política Estadual de Resíduos Sólidos e dá outras providências. Prevê como uma de suas diretrizes o incentivo à criação e ao desenvolvimento de associações e cooperativas de catadores e classificadores de resíduos sólidos.

Estado de São Paulo.

Lei nº 11.387/03 – Dispõe sobre o Plano Diretor de Resíduos Sólidos.

Município de Catanduva.

Lei nº 3.449/98 – Autoriza o Município a celebrar Contrato de parceria com a Cáritas Diocesana de São José do Rio Preto e a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Catanduva para execução do Projeto de Reciclagem de Material denominado “Luxo do Lixo”.

## ANEXOS

## ANEXO A – Parecer Favorável do Comitê de Ética em Pesquisa - UNIARA.



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1300 - Centro - Araraquara - SP  
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301-7100

www.uniara.com.br

## COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Parecer do projeto sob o protocolo: nº. 1248/11  
Título do Projeto: A Reconstrução da Identidade de Trabalhadores envolvidos no Projeto "Luxo do Lixo" em Catanduva-SP  
Pesquisador responsável: Zildo Gallo

## PARECER

O Projeto de Pesquisa intitulado "A Reconstrução da Identidade de Trabalhadores envolvidos no Projeto "Luxo do Lixo" em Catanduva-SP", sob sua orientação e com a participação do discente: **Davis Glaucio Quinelato** foi analisado por este Comitê.

O trabalho tem por objetivo geral propor e avaliar a condição que leva trabalhadores que um dia já tiveram a possibilidade de estarem inseridos no mercado de trabalho a serem excluídos da Sociedade. Como metodologia, este trabalho prevê a realização de entrevistas semi-estruturadas aos trabalhadores vinculados ao Projeto "Luxo do Lixo", visando analisar a história de vida destas pessoas, contemplando seus valores, crenças e opiniões. De maneira complementar, o projeto prevê o levantamento documental nos bancos de dados do Projeto Luxo do Lixo, Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Secretaria de Assistência Social do Município de Catanduva-SP, órgãos ambientais estaduais e federais, entre outros.

A análise do referido projeto mostra que está devidamente instruído conforme as normas que regulamentam as pesquisas envolvendo seres humanos, adequado às diretrizes da Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (Ministério da Saúde).

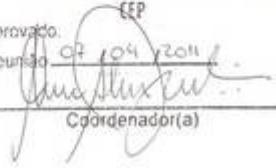
Este Comitê apresenta **parecer favorável**, sendo assim, o projeto está **APROVADO** para a sua execução.

Os autores, ao concluírem o trabalho devem encaminhar ao CEP-UNIARA o Relatório Final de Atividades, na íntegra contendo os resultados e conclusões obtidas.

Araraquara, 07 de abril de 2011.

Relator/Parecerista

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA

CEP  
Aprovado.  
Reunião 07/04/2011  
  
Coordenador(a)

## ANEXO B – Primeira Lei que criou a parceria do Projeto “Luxo do Lixo”.

PAGAMENTO	
<p>  <b>PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CATANDUVA</b>  </p> <p> <b>LEI Nº 3.449, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1.998.</b> </p> <p> <b>AUTORIZA O MUNICÍPIO A CELEBRAR CONTRATO DE PARCERIA COM A CÁRITAS DIOCESANA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E A ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE PAPEL, PAPELÃO E MATERIAIS RECICLÁVEIS DE CATANDUVA PARA EXECUÇÃO DO PROJETO DE RECICLAGEM DE MATERIAL DENOMINADO "LUXO DO LIXO"</b> </p> <p> O Professor <b>FÉLIX SAHÃO JUNIOR</b>, Prefeito do Município de Catanduva, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, sanciona e promulga a seguinte Lei, aprovada pela Câmara Municipal, em sua sessão de 07 de outubro de 1.998, conforme Resolução sob nº 3.654. </p> <p> <b>ARTIGO 1º</b> - Fica o Conselho Municipal autorizado a firmar Convênio com a Cáritas Diocesana de São José do Rio Preto e a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Catanduva, visando a execução do projeto de coleta, reciclagem e comercialização de materiais denominado "Luxo do Lixo". </p> <p> <b>ARTIGO 2º</b> - As despesas decorrentes da execução do presente Lei correrão à conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário. </p> <p> <b>ARTIGO 3º</b> - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. </p> <p> <b>PAÇO MUNICIPAL "JOSE ANTÔNIO BORELLI", AOS 10 DIAS DO MÊS DE NOVEMBRO DO ANO DE 1.998.</b> </p> <p> <b>FÉLIX SAHÃO JUNIOR</b>  <b>PREFEITO MUNICIPAL</b> </p> <p> <b>PUBLICADO NESTA SECRETARIA NA DATA SUPRA</b> </p> <p> <b>WALNER PELLIZZON</b>  <b>SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO</b> </p>	<p>  <b>PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CATANDUVA</b> </p> <p> <b>LEI Nº 3.447, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1.998.</b> </p> <p> <b>AUTORIZA TERMO DE PARCERIA COM A CÁRITAS DIOCESANA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E A ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE PAPEL, PAPELÃO E MATERIAIS RECICLÁVEIS DE CATANDUVA PARA EXECUÇÃO DO PROJETO DE RECICLAGEM DE MATERIAL DENOMINADO "LUXO DO LIXO"</b> </p> <p> O Professor <b>FÉLIX SAHÃO JUNIOR</b>, Prefeito do Município de Catanduva, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais, sanciona e promulga a seguinte Lei, aprovada pela Câmara Municipal, em sua sessão de 07 de outubro de 1.998, conforme Resolução sob nº 3.654. </p> <p> <b>ARTIGO 1º</b> - Fica o Conselho Municipal autorizado a firmar Convênio com a Cáritas Diocesana de São José do Rio Preto e a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Materiais Recicláveis de Catanduva, visando a execução do projeto de coleta, reciclagem e comercialização de materiais denominado "Luxo do Lixo". </p> <p> <b>ARTIGO 2º</b> - As despesas decorrentes da execução do presente Lei correrão à conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário. </p> <p> <b>ARTIGO 3º</b> - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. </p> <p> <b>PAÇO MUNICIPAL "JOSE ANTÔNIO BORELLI", AOS 10 DIAS DO MÊS DE NOVEMBRO DO ANO DE 1.998.</b> </p> <p> <b>PUBLICADO NESTA SECRETARIA NA DATA SUPRA</b> </p> <p> <b>SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO</b> </p>

## APÊNDICES

**APÊNDICE A** – Autorização do coordenador Padre Osvaldo de Oliveira Rosa para Pesquisa no Projeto “Luxo do Lixo”.



Associação  
**Pão Nosso**

---

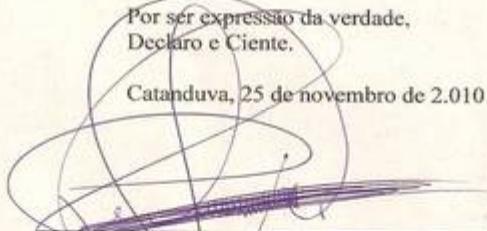
**CARTA DE DECLARAÇÃO**

**A/C DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA-UNIARA.**

Eu, Pe. OSVALDO DE OLIVEIRA ROSA, brasileiro, Pároco da Comunidade Imaculada Conceição e Presidente da Associação Pão Nosso – Obras Sociais “Pe. Osvaldo”, responsável pelo “**Projeto Luxo do Lixo**”, inscrito no RG sob nº 19.332.569 e CPF/MF sob nº 106.434.738-07, com endereço localizado á Rua São Leopoldo, nº 80 – Bairro Bom Pastor, nesta cidade de Catanduva, venho através deste AUTORIZAR que o Mestrando DAVIS GLAUCIO QUINELATO, inscrito no RG sob nº 30.783.120-6, e CPF/MF sob nº 268.268.808-06, residente e domiciliado na Avenida Rio Brillante, nº 947, Bairro Jardim Sales, nesta cidade de Catanduva, Estado de São Paulo, inscrito no Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Araraquara - UNIARA, venha a desenvolver seu trabalho de Pesquisa Científica junto aos trabalhadores e “Projeto Luxo do Lixo”, sem qualquer restrição, dentro da legalidade, assim como de visita a outros Projetos desenvolvidos pela Paróquia Imaculada Conceição para complementação da Pesquisa.

Por ser expressão da verdade,  
Declaro e Ciente.

Catanduva, 25 de novembro de 2.010



**Pe. OSVALDO DE OLIVEIRA ROSA**  
**Obras Sociais “Pe. Osvaldo”**  
**CPF - 106.434.738-07**

---

ASSOCIAÇÃO PÃO NOSSO | OBRAS SOCIAIS “PE. OSVALDO”  
RUA SÃO LEOPOLDO, 72 – BAIRRO BOM PASTOR – CATANDUVA/SP – CEP – 13.808-200  
CNPJ : 05.533.962/0001-20 | INSC. MUNICIPAL / ISENTO  
Certificado no Registro de COMAR: nº 044708 – SEADSP nº 5710 – CMDCA nº 20407  
FONES: (17)3523-8244 / 3531-2117 e-mail: apn\_cat@hotmail.com

**APÊNDICE B – Modelo de Roteiro de Entrevistas.****ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA – HISTÓRIAS DE VIDA.**Pergunta Básica

O Senhor(a) poderia me falar um pouco sobre como foi sua vida até agora: onde o senhor(a) nasceu, locais em que trabalhou; sua família, pais, irmãos, esposa e filhos, se tiver, os amigos, as dificuldades.

Vou propor uma conversa a dois, e sendo o caso vou interromper o Entrevistado para fazer algumas outras perguntas que surgirem no decorrer da conversa.

Trajectoria Familiar

Cidade onde nasceu e viveu até chegar ao Projeto.

Sua posição na família.

Tem filho? Se Sim, Quantos?

Você chegou a deixar sua família e sair de casa. Qual motivo.

Já estudou.

Onde estão seus filhos.

Sua situação econômica.

Relação com amigos.

Modo de Vida

Já fez uso de entorpecente ou consumiu bebida alcoólica por muito tempo. Se sim qual entorpecente?

Qual o motivo que o levou a fazer uso do entorpecente ou bebida alcoólica?

Esteve internado em alguma casa de recuperação de dependente químico. Qual?

Teve apoio da família para deixar de fazer uso?

Relação com os amigos.

Relação com o projeto Luxo do Lixo

Há quanto tempo você trabalha no Projeto Luxo do Lixo / reciclagem?

O que levou você a trabalhar com a reciclagem e recolhimento de material reciclável(lixo)?

Quantos dias por semana e quantas horas por dia você dedica a essa atividade?

Quanto recebe por mês?

Como é trabalhar nas ruas? E como é o trabalho no Projeto? Os moradores colaboram?

Qual sua visão sobre a atividade de trabalhar com material reciclável?

Gosta do que faz? Sente vergonha ou se acha explorado?

Em algum momento você se sentiu excluído da sociedade. Como foi essa experiência.

Perspectivas do futuro

Como vê o futuro.

Espera algo da família – amigos-instituições.

Pretende ingressar em alguma empresa.

Pretende voltar a estudar.

Observações sobre: olhar, postura corporal, gesticulação, expressões, condições físicas e o que carrega consigo.

## APÊNDICE C – Termo de Consentimento Pré-Informado.



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA - UNIARA

### TERMO DE CONSENTIMENTO PRÉ-INFORMADO

**Título do Projeto:** A Reconstrução da Identidade de Trabalhadores envolvidos no Projeto "Luxo do Lixo" em Catanduva-SP.

**Pesquisador responsável:** Davis Glaucio Quinelato.(Catanduva/SP).

**Instituição/Departamento:** UNIARA – Centro Universitário de Araraquara.

**Telefone para contato (inclusive a cobrar):** 9090 (17)3522 8483.

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Leia cuidadosamente o que se segue e me pergunte sobre qualquer dúvida que você tiver. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado.

A Pesquisa pretende estudar as trajetórias de vida que trouxeram os trabalhadores do Projeto "Luxo do Lixo", e entender a origem da sua exclusão na sociedade, e o que levou os trabalhadores a lidarem com a reciclagem e a reconstrução de suas vidas através do trabalho no Projeto "Luxo do Lixo". O procedimento será realizado da seguinte forma: Você será entrevistado para falar sobre a sua vida pessoal. A entrevista será gravada com um gravador, e o que você disser será registrado para posterior estudo e será mantido em absoluto sigilo(segredo). Toda a gravação será mantida pelo pesquisador em seu arquivo pessoal não sendo utilizada para nenhum outro fim.

Você poderá experimentar algum constrangimento ao responder algumas perguntas da entrevista, tendo a liberdade de continuar ou não a respondê-las. Ao participar da pesquisa você estará contribuindo com a conclusão do estudo com os trabalhadores entendendo os motivos que os levaram a vir trabalhar no Projeto "Luxo do Lixo". Não há benefício direto algum ao participante; que também não receberá qualquer quantia financeira, assim como não terá qualquer despesa. Em qualquer etapa do estudo, você poderá ter acesso ao profissional responsável pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas ou informações do estudo. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo.

#### Declaro ter sido esclarecido sobre os seguintes pontos:

1. O trabalho tem por finalidade estudar o porquê dos trabalhadores estarem no Projeto "Luxo do Lixo", como se deu a sua exclusão da sociedade e o que levou os trabalhadores a reciclagem de lixo.
2. Ao participar desse trabalho estarei contribuindo para a conclusão do estudo com esses trabalhadores, entendendo os motivos que levaram a trabalharem no Projeto "Luxo do Lixo".
3. A minha participação como voluntário deverá ter a duração de 1 hora;
4. Durante a execução do projeto poderão ocorrer riscos de constrangimento ao responder a entrevista.
5. Os procedimentos aos quais serei submetido não provocarão danos morais, físicos, ou religiosos;
6. Não terei nenhuma despesa ao participar desse estudo;
7. Poderei deixar de participar do estudo a qualquer momento sem qualquer prejuízo;
8. Meu nome será mantido em sigilo, assegurado assim a minha privacidade e se desejar, deverei ser informado dos resultados dessa pesquisa;
9. Qualquer dúvida ou solicitação de esclarecimentos, poderei entrar em contato com o pesquisador pelo telefone: (17) 3522 8483;

Diante dos esclarecimentos prestados, concordo em participar do estudo "A Reconstrução da Identidade de Trabalhadores envolvidos no Projeto "Luxo do Lixo" em Catanduva-SP, na qualidade de voluntário".

Araraquara, ..... de ..... de .....

Assinatura do voluntário